



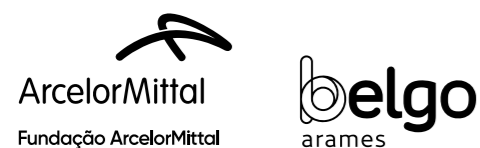
Memórias em Cultivo

O patrimônio cultural vivo nas
ações de grupos de Minas Gerais

Este volume foi produzido no âmbito do projeto Cultiva: Laboratório de Projetos Culturais que faz parte do “Programa de Fortalecimento: mobilização, cultura e patrimônio”, projeto número LEIC:CA:2018.13609.0237, patrocinado pela Fundação ArcelorMittal e Belgo Arames, por meio da Lei Estadual de Incentivo à Cultura de Minas Gerais.

DESCENTRA >>>>>
>>>>> **CULTURA** 04/11/2012
LEIC:CA:2018.13609.0237

Patrocínio:



Realização:



EQUIPE AIC

Ana Soares, Everton Santana, Isabel Vieira, Laiene Souza, Larissa Roberta, Luís Flores, Manuela Lima, Marcela Alexandre, Priscylla Ramalho, Rayssa Moura, Rogério Coelho, Thiago Flores, Valéria Fileto.

PUBLICAÇÃO:

HISTORIADORA RESPONSÁVEL

Mariana Brescia

ENTREVISTADORAS

Mariana Brescia
Laiene Souza
Luís Flores
Isabel Vieira
Manuela Lima

ARGUMENTAÇÃO

Mariana Brescia
Rogério Coelho
Luís Flores
Isabel Vieira

REVISÃO

Luís Flores
Rogério Coelho
Thiago Flores

FOTOGRAFIAS

Arthur Quadra
Laiene Souza
Rayssa Moura
Gabriel Muzzi

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Lucas de Pedro

EQUIPE FUNDAÇÃO ARCELORMITTAL

Elisa Gomes
Isabella Oliveira
Isis Lovato
Raiene Oliveira

Este volume foi produzido no âmbito do projeto Cultiva: Laboratório de Projetos Culturais, em que as ações fazem parte do “Programa de Fortalecimento: mobilização, cultura e patrimônio”, projeto número LEIC:CA:2018.13609.0237, patrocinado pela Fundação ArcelorMittal e Belgo Arames, por meio da Lei Estadual de Incentivo à Cultura de Minas Gerais.

© 2026 Agência de Iniciativas Cidadãs. Todos os direitos reservados

A265m	
Agência de Iniciativas Cidadãs. Memórias em cultivo: o patrimônio cultural vivo nas ações de grupos de Minas Gerais [livro eletrônico] / Agência de Iniciativas Cidadãs. - 1. ed. - Belo Horizonte : Agência de Iniciativas Cidadãs, 2026.	
151 p. : il. color. Contém relatos de grupos culturais de Minas Gerais. Inclui referências bibliográficas.	
ISBN 978-65-8780-855-0	
1. Patrimônio cultural -- Minas Gerais. 2. Comunidades locais -- Minas Gerais. 3. Memória coletiva. 4. Identidade cultural. I. Título.	
CDU 008:39(815.1)	CDD 306
Índices para catálogo sistemático:	
1. Cultura e patrimônio 306	
2. Comunidades locais 307	

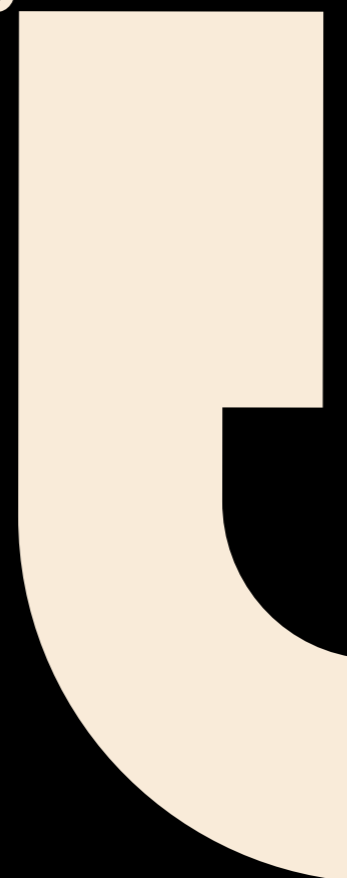
DEDICATÓRIA

Dedicamos esse material a todas as pessoas que nos receberam em suas cidades-casas, em seus meios de vidas, em suas culturas, em seus patrimônios revelados pelas histórias, em imagens e palavras, nos municípios de Bela Vista de Minas, Carbonita, Contagem, Itaúna, João Monlevade, Juiz de Fora e Sabará

Este volume se escreve a partir de suas memórias.

Equipe Cultiva

SUMÁRIO



**APRESENTAÇÃO,
OU CONVITE PARA
MOLHAR OS PÉS** pg.9

Um diagnóstico simplificado,
muitos olhares participativos

Sobre este “volume” de desejos e
experiências: como “escutar” um patrimônio pg.12

OS TERRITÓRIOS VISITADOS pg.21

Bela Vista de Minas pg.21

Carbonita pg.31

João Monlevade pg.45

Juiz de Fora pg.65

Contagem pg.81

Itaúna pg.95

Sabará pg.115

GALERIA DE FOTOS pg.124

CONTATO DOS GRUPOS pg.154

REFERÊNCIAS pg.159



Apresentação, ou um convite a molhar os pés

O **Cultiva: Laboratório de Projetos Culturais** forneceu as bases para este processo. Realizado pela **AIC - Agência de Iniciativas Cidadãs**, com parceria e patrocínio da **Fundação ArcelorMittal e Belgo Arames**, o projeto nos ensinou a compreender essas bases como **raízes**, que crescem e se fortalecem nos encontros com os territórios visitados, nas histórias e pessoas escutadas, e nos patrimônios e memórias vivas que encontramos ao longo do percurso.

Ao longo dos seis primeiros meses do projeto, a equipe da AIC, com apoio do corpo técnico da Fundação ArcelorMittal Brasil (FAMB), percorreu **sete municípios de Minas Gerais (Bela Vista de Minas, Carbonita, Contagem, Itaúna, João Monlevade, Juiz de Fora e Sabará)**, encontrando-se com representantes de **30 grupos culturais** selecionados para conhecer suas histórias e suas relações com o **patrimônio cultural mapeado**. Com dois dias de imersão em cada cidade, foi possível visitar, ao todo, pelo menos **35 patrimônios culturais**, mapeados especialmente para as visitas, a partir de **consultoria técnica** e da colaboração das comunidades e pessoas, referências locais, que participaram diretamente como guias culturais e interlocutores, **que participaram diretamente como guias culturais locais. Centros Históricos, museus, Guardas de Congado, Reinados, Grutas, capelas, terreiros do Candomblé e da Umbanda, Estações, Praças, Feiras tradicionais**, parques, entre tantos outros patrimônios foram visitados a partir desse trabalho colaborativo de mapeamento, seguindo alguns **conceitos** que já fazem parte da **metodologia da AIC** e seus modos de fazer:

(...)patrimônio cultural é aquilo que nos constitui enquanto sujeitos em comunidades partilhadas. É formado por nossa identidade, nossos territórios e nossas memórias.

(Se Esse Patrimônio Fosse Meu - Educação patrimonial e pertencimento. AIC Publicação).

Lá no artigo 216 da Constituição Brasileira, a gente lê que nosso Patrimônio Cultural é constituído por bens materiais e imateriais. (...) Nossa legislação também determina que o patrimônio cultural deve ser promovido e protegido pela parceria entre o Estado e a população. Ou seja, todo mundo faz parte da construção daquilo que é considerado patrimônio.

(5 conceitos sobre patrimônio cultural que você precisa saber. AIC (site), maio/2023)

Além desse objetivo central, a metodologia do projeto efetivou a “colheita” de dados essenciais para o processo formativo que se desenvolveu posteriormente. Os **encontros presenciais** foram fundamentais para compreender as trajetórias, perspectivas e raízes dos grupos, permitindo estruturar de forma mais consistente o processo formativo, com **as oficinas de mobilização de recursos**, as **tutorias individualizadas para escrita** e **submissão de projetos** e o **ateliê de empreendedorismo cultural**. Esse início foi decisivo para **fortalecer os vínculos** com os agentes culturais em seus territórios, contribuindo para o desenvolvimento do Cultiva em todas as suas etapas.

Sobre este “volume” de desejos e experiências

Este livro nasce de um desejo simples, mas precioso: valorizar o que as pessoas criam, preservam e compartilham em suas comunidades. Esse desejo ganhou forma a partir da escuta atenta de diferentes territórios de Minas, lugares onde a cultura se manifesta em pequenas ações cotidianas. Ao percorrer esses lugares, a riqueza aparece é nas “miudezas”: nos gestos que se repetem, nas memórias que se fabulam e nas práticas que atravessam gerações. É aí que o patrimônio ganha vida e sentido.



HELENA MORAIS, EX-SECRETÁRIA DE CULTURA DE CARBONITA

“Este é o rio Araçuaí (...) Aqui na Abadia (distrito de Carbonita) essa prainha é muito utilizada nos dias de festa (...) as pessoas vêm para passear, vêm para as romarias e também para o lazer. Se vocês quiserem, podem pisar na água. A água é limpa, podem tomar banho e ficar à vontade”

**Helena Moraes,
Ex-Secretária de Cultura,
sobre o rio Araçuaí,
na comunidade de Abadia.**



RIO ARAÇUÁ
COMUNIDADE
DE ABADIA

Em cada margem, em cada lugar, existe alguém que nos convida a olhar, com seu próprio “modo de ver”. Em Abadia, distrito de Carbonita, no Alto Jequitinhonha, é Helena Moraes quem nos leva até o Rio Araçuaí, elemento estruturante para toda a região. Lá chegando, nos chama a molhar os pés nas águas. Seu gesto, aparentemente simples, tem um quê de iniciação. É um modo de partilhar a vivência no território, mobilizando as memórias, as experiências e os afetos que ela reconhece como parte viva da sua história e da sua cultura, seu vínculo com o que chamamos de patrimônio.

O patrimônio cultural constitui um terreno amplo, que faz a base da nossa identidade como povo. Ele envolve a nossa memória coletiva, a nossa cultura, os nossos modos de vida. Está nas festas populares, nas músicas, nas tradições antigas, nas receitas, nas lendas, nas paisagens, nos rios, nas florestas e nos lugares sagrados, em tudo aquilo que as pessoas reconhecem como parte de sua história.



JABUTICABAS NA ASPRODEJAS, SABARÁ



GUARDA DE CANDOMBE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, ITAÚNA.

O patrimônio se manifesta, portanto, no conjunto de elementos que circulam no cotidiano das comunidades e sustentam suas singularidades. Os saberes, as práticas, os lugares onde a memória se inscreve e se reconhece¹. Ele pulsa no encontro plural, do cotidiano das pessoas, das suas histórias de vida, das raízes de seus territórios, nos seus ritos coletivos, e nas práticas culturais que elas mobilizam.

Foi com olhar curioso e escuta atenta para essas singularidades que os participantes das sete cidades contempladas, no interior de Minas Gerais, receberam o projeto. Ao longo do percurso, grupos de congado, artistas plásticos, artesãos, músicos, contadores de histórias, coletivos culturais, associações de proteção à mulher, entre muitos outros, puderam compartilhar um pouco sobre como constroem, diariamente, a cultura local, utilizando o que têm de mais precioso: suas histórias. O trabalho, movido por muitas perguntas, guiou-se especialmente pela busca de compreender como esses grupos se mobilizam em torno dos patrimônios culturais

¹Como define o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o patrimônio cultural é composto por bens materiais e imateriais que constituem a identidade, a ação e a memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218> (acesso em 20 de abril de 2026)

Ao longo de dois dias, houve trocas de experiências, momentos de escuta e descobertas. Os participantes exploraram patrimônios, dialogaram sobre cultura e refletiram sobre o papel de cada um na preservação da memória local. Nesse processo, mostraram seus caminhos, compartilhando memórias e abrindo as portas de seus territórios. Eles conduziram as pessoas por espaços cheios de histórias, alguns familiares, outros desconhecidos, mas repletos de sentido.

Aqui é o quartel do Moçambique de Santa Efigênia, que é um dos moçambiques mais novos da festa do Reinado de Itaúna, com um trabalho de 35 anos. Meu nome é Jéfferson Lázaro da Silva Gregório e faço parte da Irmandade das Sete Guardas de Nossa Senhora do Rosário, daqui de Itaúna, e tem a Irmandade Senhora do Rosário. O Reinado de Itaúna é um dos pioneiros de Minas. O reinado veio parar em Minas, com um rei da África, que era Galanga Muzinga (Nzinga), que perdeu sua filha Nzinga, porque, na ressaca do mar na travessia, tinha que tirar o peso, né?! O peso era a gente, os nossos ancestrais

**Jéfferson Lázaro da Silva Gregório,
Capitão Regente da Guarda de
Moçambique de Santa Efigênia,
Itaúna**

Os grupos possuem histórias e trajetórias culturais diferentes, mas são atravessados por desafios semelhantes, que ameaçam sua continuidade, como por exemplo: falta de apoio financeiro e institucional; ausência de espaços adequados; baixa visibilidade; falta de reconhecimento formal, entre outros.

Este trabalho, que vai além de um mergulho nos patrimônios de Minas Gerais, é um convite à valorização das iniciativas que atuam no cuidado com a cultura mineira. Com isso, um dos objetivos do projeto foi de sensibilizar diferentes públicos para a riqueza do patrimônio cultural e para a importância de oferecer apoio para os responsáveis por mantê-los de pé. Cada canto, cada gesto, cada celebração é uma forma de afirmar: “nós existimos”. Este livro é um convite a enxergar o patrimônio não como algo distante, mas como aquilo que pulsa em cada território e em cada pessoa. Assim, percebe-se que o patrimônio se manifesta não apenas nas festas ou nos espaços, mas na capacidade coletiva de manter viva a memória e o pertencimento. É no gesto de ensinar, de celebrar e de resistir que o patrimônio encontra sua força.

A partir daqui, em que iniciamos nosso percurso pelas **idades**, este texto assume personalidade, acolhendo em **primeira pessoa** algumas vozes que se materializam na escrita por meio do olhar. Muitas vezes se encontram, entre depoimentos da própria equipe, bem como das pessoas que contam suas vivências. É um convite a estar mais perto das experiências narradas. Um convite a quem se arrisca adentrar num rio calmo e mede a temperatura da água sabendo também de seus tempos.

Sejam todas as pessoas bem-vindas a molharem seus pés no território...



Bela Vista de Minas

Uma cena, muitos lugares

O som do portão se abrindo, na alvorada do dia, anuncia o começo da festa. É dia de celebrar. Nossa Senhora do Rosário e a sede do Congado de Bela Vista de Minas já está repleta de mulheres que, com agilidade, organizam os preparativos para o café da manhã que será servido em algumas horas e o almoço. Do lado de fora, a rua é fechada para permitir que a festa aconteça livremente.

A cena não é exclusiva de Bela Vista de Minas: ela é repetida na história do Brasil há séculos. As festas de Nossa Senhora do Rosário e do Reinado têm origem nas devoções trazidas pelos africanos e seus descendentes, que, durante o período de escravização, encontraram na fé e na música uma forma de resistir e afirmar a própria identidade. Assim, cada toque, cada canto e cada gesto carregam histórias que unem fé, ancestralidade e comunidade, laços que sustentam o Congado até hoje.

A estrutura da festa revela a união de mundos. O cortejo conduz reis e rainhas do Congo, figuras simbólicas que representam a realeza africana. Ao redor, capitães e dançantes compõem a guarda e fazem parte dessa simbologia. Cada cor, cada toque e cada canto possui um significado próprio, transmitido de geração em geração. O som das caixas e tambores anunciam o início da celebração; os bastões e espadas erguidas durante o cortejo marcam o compasso das danças; as coroas, erguidas na cabeça dos congadeiros mais velhos, lembram a força de um povo que transformou a fé em resistência.

Em Bela Vista de Minas, essa história ganha nomes, rostos e vozes. A tradição congadeira permanece viva nas três guardas do município: a **Guarda do Divino Pai Eterno**, a **Guarda de Moçambique Luz Divina** e o **Congado de Bela Vista de Minas**.

Cada uma delas mantém, à sua maneira, os ritos e significados herdados dos antigos reinados.

Nossa visita à sede do Congado foi guiada por **Dona Neuza**, uma das guardiãs dessa memória. Com o sorriso acolhedor e o olhar firme de quem carrega muitas histórias, ela nos recebeu mostrando cada canto do espaço. Apontava as caixas, os tambores, as coroas e as fardas, explicando o sentido de cada elemento com a delicadeza de quem fala de algo sagrado. As palavras de Dona Neuza trouxeram à tona os preconceitos que ainda recaem sobre o Congado e sobre as manifestações culturais de matriz africana. Ao falar da vivência ela relatou situações que revelam o desconhecimento e a intolerância enfrentados cotidianamente pelo grupo:

"Tem pessoas que acham que é feitiço, que é macumba... uma menina falou assim: 'ai, quando eu vejo o Congado, me dá uma dor de cabeça... pessoal feitiçeiro'. Aí eu falei: 'Então eu também sou feitiçeira, porque eu sou congadeira. Eu sou feitiçeira, mas eu não sei como que mexe com feitiço não.'"

Dona Neuza,
Congado de Bela Vista de Minas



DONA NEUZA, PRESIDENTA DO CONGADO DE BELA VISTA DE MINAS. AGOSTO DE 2025

Manter viva essa tradição implica enfrentar não apenas dificuldades materiais, mas também barreiras simbólicas que tentam negar a fé, a cultura e o direito de existir desses grupos. Ainda assim, o Congado segue como espaço de pertencimento, transmissão e troca de saberes, sustentado pela força coletiva de quem conhece o valor da própria história.

Foi João Miguel dos Santos, companheiro de Dona Neuza, quem a apresentou ao Congado. Logo que passou a integrar a guarda, João Miguel assumiu o posto de Rei Congo, e Dona Neuza, o de Secretária, caminhando juntos na condução dos trabalhos e das responsabilidades do grupo. Ao recordar esse período, Dona Neuza compartilhou um episódio marcado pela espiritualidade e pela escuta do sagrado:

"Na época, ele pediu para tirar a capa e a coroa dele. Eles não queriam. Isso não acontece com Rei Congo. Rei Congo é até morrer. Aí ele falava assim: 'não, mas na minha cabeça eu não tô tendo sossego. Na hora que eu deito, na hora que eu ponho a cabeça no travesseiro, vem uma voz e fala comigo. Eu tenho que entregar a capa e a coroa'. Ele entregou no mês de maio, na última semana de maio. Mês de junho, ele descobriu que tava com câncer no pâncreas. Com 40 dias, ele faleceu. Então, ele ouviu a voz avisando que ele não podia continuar."

**Dona Neuza,
Congado de Bela Vista de Minas**



MURAL DE FOTOS, CONGADO DE BELA VISTA DE MINAS. AGOSTO DE 2025.

A fala de Dona Neuza revela como, no Congado, espiritualidade e vida cotidiana caminham juntas, orientando decisões, despedidas e formas de cuidado. A escuta dessa “voz” não aparece como algo extraordinário, mas como parte de uma relação profunda com o sagrado, construída ao longo do tempo e da fé.

A sede do Congado também se afirma como espaço de referência para o bairro. Ali, diferentes encontros acontecem, extrapolando o campo religioso. Foi nesse mesmo local que a **Associação Monlevadense de Afrodescendentes (AMAD)** realizou uma roda de conversa com mulheres da comunidade, voltada ao enfrentamento da violência e ao fortalecimento feminino. Ao relembrar a experiência, Rosângela Almeida destacou:

"Foi ótimo que as mulheres, muitas mulheres civis, desabafaram que, às vezes, não acham ninguém para ouvir sobre aquela situação. Então, foi muito bom que as mulheres choraram, colocaram pra fora o abuso que estão sofrendo. Existem muitas mulheres sofrendo ainda."

**Rosângela Almeida,
Associação Monlevadense
de Afrodescendentes
(AMAD)**



ROSÂNGELA ALMEIDA, ASSOCIAÇÃO MONLEVADENSE DE AFRODESCENDENTES (AMAD). AGOSTO DE 2025.

O depoimento detalha como a sede do Congado vai muito além da prática e tradição congadeira: estamos diante de um espaço de escuta, acolhimento e cuidado coletivo, onde dores encontram lugar para serem compartilhadas e caminhos começam a ser construídos.

Quando os tambores soam e o cortejo sai às ruas, não é apenas uma festa que se anuncia: é a própria história do povo negro reafirmando sua presença nos territórios mineiros. Cada passo, cada canto e cada gesto são atos de memória e pertencimento. Em Bela Vista de Minas, os desafios, como por exemplo, falta de apoio, preconceito e carência de espaços, ainda são muitos. Ainda assim, a força da comunidade e a fé coletiva mantêm acesa a chama de uma tradição que resiste, celebra e ensina.

Depois da visita à sede do Congado, nosso ônibus seguiu em direção ao Pontilhão. Ali, onde antes passava o trem da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil, hoje restam os trilhos cobertos por pedaços de madeira, marcas visíveis de um tempo que insiste em permanecer no território. **Rayane Martins, da AMAD e Secretária de Desenvolvimento Econômico e Agricultura de Bela Vista de Minas**, lembrou que, além da linha férrea, o local também contava com um teleférico, estrutura que ajudava a compor a dinâmica de circulação e trabalho da época. Sobre as transformações do espaço, ela comentou: “a estação foi deteriorando e o pessoal acabou demolindo ela”, revelando como o abandono e a falta de preservação apagaram partes importantes dessa memória ferroviária.

Logo abaixo do pontilhão corre o **Rio Santa Bárbara**, e dali é possível observar o encontro de suas águas com o Rio Piracicaba. **Genival Magela do Carmo, guia** que acompanhava a visita explicou que, mesmo após a desativação da ferrovia, o espaço segue intensamente apropriado pela população: “os ciclistas... aqui é o ambiente deles. Todo fim de semana tá cheio deles. É um lugar que eles gostam de vir”. Segundo ele, o território também é frequentado por pescadores que acampam por uma noite, pescam e seguem viagem, mostrando como o antigo eixo ferroviário deu lugar a novos usos e formas de convivência com a paisagem.



RIO SANTA BÁRBARA, BELA VISTA DE MINAS. AGOSTO DE 2025

Além da observação guiada, os grupos culturais puderam reconhecer no pontilhão um espaço de descoberta e afeto, como relatou **Edilene**, da **Associação Casa Nova**. Ao lembrar da primeira vez que esteve ali, ela contou que a visita não foi planejada:

“A gente saiu pra pescar, eu, meu filho e meu marido. No meio do caminho nos deparamos com aquela imagem maravilhosa. A gente não saiu com a intenção de ver o pontilhão. Foi muito bonito. Tem história, né? [...] A gente nem sabia que ia encontrar essa figura tão linda, esse símbolo maravilhoso, e saber que pertence à Bela Vista.”

Edilene,
Associação
Casa Nova



EDILENE, ASSOCIAÇÃO CASA NOVA. AGOSTO 2025

A fala de Edilene nos mostra como o patrimônio se apresenta no acaso, no encontro inesperado, despertando pertencimento mesmo em quem não conhecia previamente a história do lugar. Para ela, hoje o pontilhão é um espaço que merece ser vivido de perto, especialmente por crianças e adolescentes: “A Associação Casa Nova trabalha muito com crianças e adolescentes. Seria muito importante as crianças fazerem essa visitação. Acho que vale a pena.”

Depois de conhecerem a estrutura do pontilhão, caminharem sobre ele e compartilharem histórias, representantes dos grupos **Associação Cultural Congado**

de Bela Vista, AMAD, Associação Cultural Social Esportiva Renovação Erê Capoeira e Associação Cultural e Social Casa Nova desceram por uma trilha em meio à mata, seguindo o som da água até chegar às margens do Rio Santa Bárbara. Nesse momento, a visita ganhou outro ritmo. Os participantes tiraram os sapatos, **molharam os pés**, se refrescaram, riram, tiraram fotos e trocaram lembranças. O rio deixou de ser apenas paisagem para se tornar experiência sensível, vivida com o corpo inteiro.

Ao final do dia, as experiências vividas em Bela Vista de Minas se entrelaçaram como partes de um mesmo território de memória. O Congado, com sua força espiritual, comunitária e ancestral, revelou-se como patrimônio vivo, sustentado pelas pessoas, pelas histórias e pela fé compartilhada. O pontilhão, vestígio da antiga ferrovia, trouxe à tona as marcas do tempo e das transformações da cidade, enquanto o Rio Santa Bárbara, de águas limpas e acolhedoras, ofereceu um encontro direto com a paisagem e com o corpo, permitindo que o território fosse sentido para além do olhar.

Entre tambores que ecoam, trilhos que resistem e águas que seguem seu curso, o dia se encerrou reafirmando como a noção de patrimônio cultural não pode se restringir à edificações ou celebrações isoladas: ele vive também na relação entre pessoas, natureza e história, nos caminhos percorridos coletivamente e nas experiências que permanecem na memória. Em Bela Vista de Minas, Congado, pontilhão e rio compuseram um mesmo percurso, nos mostrando que cuidar da cultura é também reconhecer os vínculos que unem fé, território e pertencimento.



REPRESENTANTES DOS GRUPOS, SEDE DA ASSOCIAÇÃO ACIABEL, BELA VISTA DE MINAS. AGOSTO DE 2025



Carbonita

A chegada ao **Rio Araçuaí**, na comunidade de **Abadia**, em **Carbonita**, foi marcada pela paisagem aberta e pelo som contínuo da água correndo. Parte da história econômica, cultural e afetiva da região, durante muitos anos o rio foi intensamente utilizado para o garimpo de ouro e pedras preciosas. Ainda hoje, algumas pessoas mantêm a prática manual, de forma mais sustentável. Entre elas está **Luciana Lourenço**, que “tira ouro na bateia” e, quando o ouro não aparece, recolhe as pedras que encontra para transformá-las em artesanato.



Foi **Helena Morais**, Secretária de Cultura, que nos apresentou o rio e explicou seu percurso: das nascentes entre Felício dos Santos e Rio Vermelho, ele passa por Carbonita e Monte Belo, desaguando no Rio Jequitinhonha. Em Abadia, segundo ela, o rio ainda está preservado: “Aqui a gente ainda pode tomar banho, ainda pode usar da água dele.” A pequena prainha à margem é ponto de encontro nas festas e romarias, misturando fé, lazer e convivência.



HELENA MORAIS, EX-SECRETÁRIA DE CULTURA DE CARBONITA. AGOSTO DE 2025.

A dimensão mais afetiva do rio apareceu na fala de **Elnatan Leite Oliveira**, músico, professor de música e membro do coletivo **Art Music ND**, que tem raízes profundas em Abadia. Embora nunca tenha morado ali, carrega o lugar como herança. “Minha avó, meu avô, minha mãe, todo mundo foi criado aqui”, contou. Para ele, o Rio Araçuaí tem uma importância que vai além da paisagem: é símbolo de resistência.

Elnatan lembrou dos tempos em que a margem era ocupada diariamente por lavadeiras. “Se você viesse aqui, ia ver eles aí batendo roupa na laje, lavando.” Durante aquele período, o rio não era apenas água correndo, mas também cantiga. “Além do barulhinho do rio, você ouvia as cantigas das lavadeiras.” Ao falar disso, refletiu sobre a paisagem sonora à força cultural da comunidade: “Por isso que a gente tem tantos músicos, tantos artistas que saem daqui.” O avô de Elnatan, por exemplo, tocava em forrós e folias, e foi sua primeira referência.

As lembranças de infância de Elnatan também passam pelo rio, onde as férias eram marcadas pelos mergulhos enquanto a avó lavava roupa:



ELNATAN OLIVEIRA (ART MUSIC ND) E LAIENE SOUZA (AIC), CARBONITA. AGOSTO DE 2025

“Toda vez que ela vinha lavar a roupa, ela trazia a gente, a gente pulava no rio, e era uma felicidade, e era o momento mais aguardado do ano, era quando a gente vinha pra cá.”

**Elnatan Oliveira,
Art Music ND**

Ao falar das mudanças, Elnatan ficou mais atento ao entorno. A primeira diferença que menciona é a redução do volume da água. Pedras que antes ficavam submersas agora estão expostas, além da diminuição no fluxo de pessoas. Com a chegada da água encanada, as lavadeiras deixaram de ocupar a margem diariamente. O rio continua ali, mas a paisagem humana se transformou.

Ainda em Abadia, o grupo seguiu para o **Santuário de Nossa Senhora da Abadia**. Em um dos espaços mais visitados do local está a Sala dos Milagres. Helena

apresentou a sala explicando que ali se encontra a pequena imagem original da santa, encontrada, segundo a tradição, dentro de um toco de árvore. No local, um tronco simbólico representa como ela foi encontrada. É também ali que os devotos deixam seus agradecimentos. As paredes e vitrines são tomadas por fotografias, objetos, bilhetes, pequenas representações de graças alcançadas, entre outros. Quando o espaço enche, os objetos mais antigos são guardados para dar lugar aos novos. A fé, como se vê, continua chegando.



SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DA ABADIA, CARBONITA. AGOSTO DE 2025

Foi nesse ambiente que duas mulheres compartilharam suas próprias histórias. **Ana de Lourdes Pereira de Moraes**, artesã e integrante do coletivo **Arte Luz Carbonitense**, relatou que perdeu a visão aos cinco anos de idade e passou meses sem enxergar:



ANA MORAIS, ARTESÃ DO GRUPO ARTE LUZ CARBONITENSE, COMUNIDADE DE ABADIA, CARBONITA. AGOSTO DE 2025.

“Quando eu tinha 5 anos de idade, eu perdi a visão. Fiquei mais ou menos 3 a 4 meses sem enxergar. A minha mãe fez uma promessa para que eu voltasse a enxergar, né? E quando eu tivesse uma idade que eu entendesse, ela me trazia aqui para cumprir essa promessa. Aos 13 anos, entre 12 e 13 anos, ela me trouxe até aqui, para que essa promessa fosse cumprida, porque eu voltei a enxergar.”

**Ana Moraes,
Arte Luz
Carbonitense**

Maria Cláudia Duarte, aposentada, também compartilhou sua experiência. Há quatro anos, perdeu a visão de forma repentina. Desde então, faz tratamento em Belo Horizonte, mas mantém a serenidade e a devoção. “Vocês são os doutores, mas o doutor está lá em cima”, contou que costuma dizer aos médicos. O incômodo que a claridade traz não impede Maria Cláudia de visitar o santuário, lugar que frequenta desde nova e dançou forró, rezou, conviveu e construiu memórias desde a juventude.



Após esse momento, ainda em Abadia, fomos acolhidos com carinho pelos alunos da escola local, em um encontro leve e cheio de curiosidade, conduzido por Luciana Lourenço. Ali, versos foram lançados ao ar e encontraram as rodas de verso, revelando a essência viva da cultura do Vale do Jequitinhonha — uma cultura que pulsa, resiste e mantém acesas as histórias de um povo.

Logo depois, **Luciana** nos abriu as portas de sua casa, um verdadeiro ateliê onde a arte se faz presente em cada detalhe, transbordando sensibilidade, criação e afeto, como se cada canto guardasse um pedaço de memória e poesia.

Seguindo o percurso, chegamos à comunidade de Lagoa, às margens do Rio Jequitinhonha, onde fomos recebidos pelo Grupo Saberes e Tradições da Beira do Rio Jequitinhonha. **Cida** nos recebeu e destacou que, embora o grupo tenha se organizado de maneira mais estruturada em 2019, as tradições que vêm sendo resgatadas fazem parte de uma história muito anterior, enraizada na vivência da comunidade.



GRUPO SABERES E TRADIÇÕES DA BEIRA DO RIO JEQUITINHONHA. COMUNIDADE DE LAGOA, CARBONITA. AGOSTO DE 2025.

O primeiro passo foi o resgate da dança das baianas. Depois, vieram as cantigas de roda, os encontros mensais, as rodas de versos e o artesanato, tecendo, aos poucos, um caminho de memória e pertencimento. Mais do que relembrar práticas culturais, o grupo assume o compromisso de compartilhar esses saberes com os mais jovens — e as crianças participam ativamente, aprendendo na vivência, como quem herda e recria a cultura no próprio fazer. “Enquanto o legado não for plantado, a gente quer ver ele florescendo nas crianças”, destacou **Cida**. A preocupação não está só em manter uma tradição, mas permitir que ela tenha continuidade.

Entre as vozes que dão continuidade a esse legado está a de **Eric Eduardo Santos Souza**, de 14 anos. Morador do Barreiro, próximo ao Rio Jequitinhonha, Eric cresceu às margens do rio. Desde pequeno frequenta suas águas e foi levado pelos pais e irmãos, também ribeirinhos. O rio faz parte de sua rotina e de sua memória: frequenta suas águas para nadar, jogar bola e se divertir.

O olhar atento de **Eric** para as questões ambientais e as marcas deixadas pela exploração do território nos chama atenção. Ele compara as mudanças que percebeu ao longo dos anos e cita que, no passado, o garimpo deixava as águas sujas, mas hoje, elas se encontram muito mais limpas. Esse olhar pode ser explicado pela percepção que tem do rio, já que para ele, o Rio Jequitinhonha é mais do que um espaço de lazer. “É a água que a gente usa para tomar banho, fazer comida.”

No grupo, **Eric** toca pandeiro e canta. Entrou ainda pequeno, levado pela mãe, que também participa do grupo e quando perguntado porque decidiu permanecer, responde com simplicidade e consciência: “É muito interessante compartilhar pra geração futura que vai chegando.” Para ele, aprender com os mais velhos é uma forma de ensinar aos que virão.

Entre as mulheres que sustentam essa trama de pertencimento está a mãe de Eric: **Pedra Adriana dos Santos**, de 43 anos. Sua história com o rio começa ainda na infância. “Desde seis anos eu já ia com minha mãe para a beira do rio lavar roupa.” Filha de lavadeira, cresceu acompanhando o trabalho, as cantigas e as longas jornadas à margem do Jequitinhonha.



PEDRA E ERIC, COMUNIDADE DE LAGOA, CARBONITA. AGOSTO DE 2025.

Pedra relembra que, quando era criança, a água era turva por causa do garimpo. “A gente apanhava a água, colocava no balde e tinha que esperar a lama assentar para usar.” Hoje, destaca a mudança: “Você enxerga até os peixes no fundo do rio.” A melhoria da qualidade da água é uma transformação concreta na vida cotidiana de quem sempre dependeu diretamente dela.

Sua relação com o Grupo Saberes e Tradições também é atravessada pela maternidade. Pedra participou, se afastou por um período e depois retornou, motivada por Eric. “Eu falei que ia sair. Ele falou: ‘Mãe, se a senhora sair, eu vou sair também.’” O compromisso do filho a trouxe de volta e desde então, se mantém firme.

Pedra vê no grupo uma oportunidade que ela mesma não teve. Engravidou cedo e precisou interromper os estudos. Hoje, incentiva o filho a estudar, escrever e criar. Eric já compôs poemas, participou de um concurso em Carbonita e já começou a ensaiar suas próprias músicas. Para ela, a cultura é também um caminho de valores e autoestima: “É uma coisa da comunidade, da gente.”

Pedra também percebe mudanças na própria comunidade. Para ela, depois da criação do grupo, as pessoas ficaram mais unidas. Festas como o Dia das Mães, dos Pais, das Crianças, encontros coletivos, lanches compartilhados... Tudo passou a ser feito em conjunto. “A gente não tem luxo, mas tem um coração enorme [...] Tendo carinho, amor, respeito, isso é mais importante.”



GRUPO SABERES E TRADIÇÕES, COMUNIDADE DE LAGOA, ÀS MARGENS DO RIO JEQUITINHONHA, CARBONITA. AGOSTO DE 2025.



GRUPO SABERES E TRADIÇÕES, COMUNIDADE DE LAGOA ÀS MARGENS DO RIO JEQUITINHONHA, CARBONITA. AGOSTO DE 2025.

Do Rio Araçuaí ao Santuário de Nossa Senhora da Abadia, da fé que reúne romeiros à vida simples e coletiva da comunidade de Lagoa, às margens do Rio Jequitinhonha, é possível perceber uma mesma experiência de pertencimento. Seja na devoção que mobiliza gerações ou na água que sustenta o cotidiano ou nas cantigas preservadas pelo Grupo Saberes e Tradições da Beira do Rio Jequitinhonha, tudo aponta para a força das relações construídas no território. Rios, santuário e comunidade não aparecem como espaços isolados, mas como partes de uma mesma paisagem cultural, onde memória, fé e prática coletiva continuam dando sentido à vida e renovando os laços entre as pessoas.

Além dos grupos já mencionados, faz parte do projeto o **Conselho de Desenvolvimento Comunitário de Mercadinho**, de Carbonita.

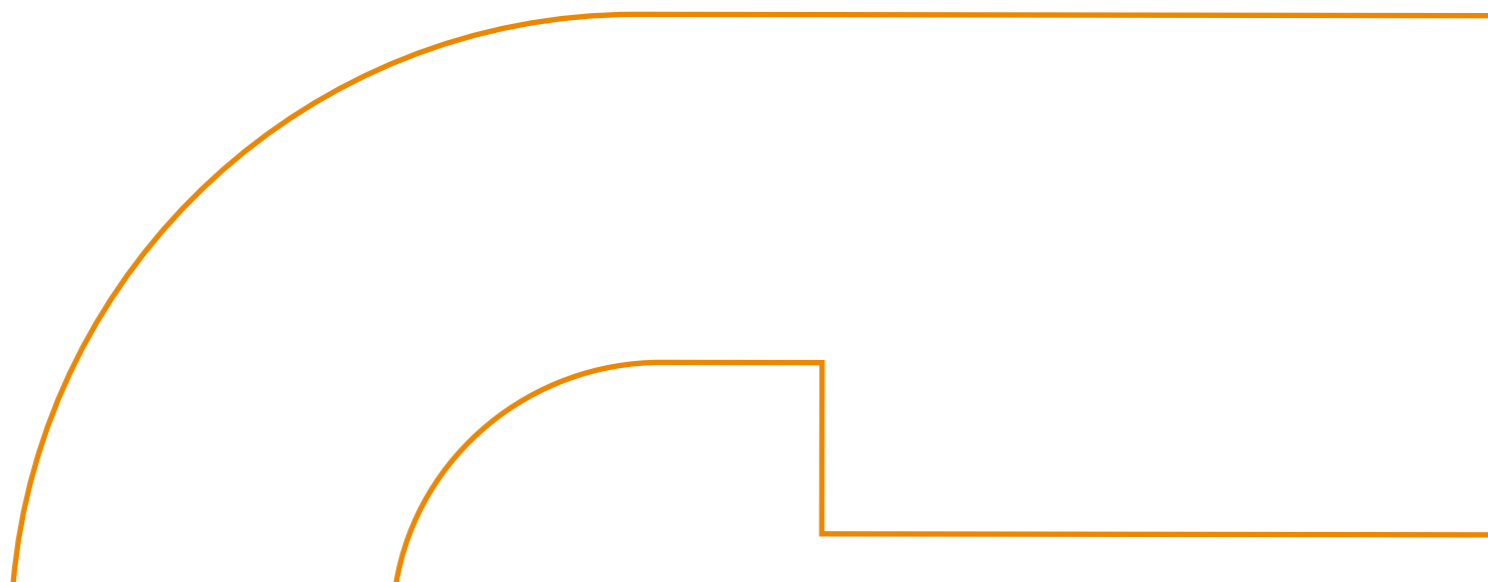


REPRESENTANTES DOS GRUPOS PARTICIPANTES, CENTRO CULTURAL HELENA LEITE, CARBONITA. AGOSTO DE 2025.



João Monlevade

A primeira visita em João Monlevade foi no Parque do Areão, um espaço marcado por transformação e cuidado com a natureza. **Representantes dos grupos Associação Cultural do Congado de Laranjeiras, Solidariarte, Barraco 32, Circuito Inclusão e Tambores do Morro** participaram das visitas. Mesmo em meio a um calor intenso e sol forte, os grupos culturais caminharam por todo o parque, percorrendo seus caminhos, observando a paisagem e explorando cada parte do espaço.



Maria da Conceição, Eva da Silva Gomes e Rosemeire Nonato, do Congado Laranjeiras, recordaram como o espaço era no passado: chão de terra, poucos caminhos definidos, trilhos por onde se passava de um lugar a outro, muito mato e insegurança. Segundo elas, muitas pessoas evitavam circular pela área sozinhas, com receio do que poderiam encontrar. Hoje, a percepção é outra. Para as três, o parque melhorou significativamente, tornando-se um lugar seguro, bonito e acolhedor, especialmente para as crianças:



Enquanto caminhavam, os participantes conversavam sobre a história do lugar, lembrando que ali, por muitos anos, funcionou uma área de extração de areia. A troca de informações foi constante: falava-se sobre o antes e o depois do parque, sobre o processo de recuperação ambiental e sobre como o espaço foi sendo ressignificado ao longo do tempo. O que antes era marcado pela exploração do solo, hoje é visto como um lugar de convivência, preservação e encontro.

MARIA DA CONCEIÇÃO, EVA DA SILVA GOMES E ROSEMEIRE NONATO, CONGADO LARANJEIRAS

“A gente lembra que antigamente aqui não tinha isso tudo, né. Cresceu muito, o movimento cresceu muito. Não tinha essas árvores, tinha pouca coisa. Era chão de terra, muito trilho pra gente passar de um lugar pro outro. Aqui desenvolveu bastante. [...] Antigamente a gente tinha até medo de passar aqui sozinha, porque era muito trilho, cheio de mato, a gente não sabia o que ia encontrar pela frente. Agora não. Mudou muito. Ficou um lugar calmo, pode ser até um lugar de lazer. Quem tinha medo antes, hoje não vai ter.”

**Maria da Conceição,
Congado Laranjeiras**



As falas nos mostram que as mudanças trouxeram benefícios diretos para a comunidade. O parque passou a ser utilizado por escolas, que levam os alunos para passeios, piqueniques e atividades educativas. As mulheres destacaram ainda a importância do contato das crianças com a natureza: aprender a plantar, observar os animais, sentir o cheiro do mato, entender o funcionamento do meio ambiente. Para elas, o Areião se transformou em um espaço de lazer, aprendizado e tranquilidade.

Essa memória da transformação apareceu também na fala Marcelo Vieira Barbosa, do grupo Tambores do Morro. Ele lembrou que conheceu o Areião ainda jovem, quando o espaço era “mato” e área de extração de areia, antes do início do reflorestamento. A recuperação da área, lembra Marcelo, foi fruto de um esforço coletivo, envolvendo poder público, escolas, escoteiros e voluntários da própria comunidade, que participaram de mutirões de plantio e cuidado com as nascentes: “Essas árvores, muitas delas, a gente ajudou a plantar”, recordou, ao destacar que o parque é resultado de uma construção coletiva e contínua.

A caminhada permitiu que os grupos se apropriassem do parque de forma sensível, observando a vegetação, os sons, as sombras e os usos cotidianos do espaço. Entre uma parada e outra, em busca de sombra e água fresca, surgiram relatos sobre como cada grupo ocupa (ou deseja ocupar) o Areião em atividades culturais, educativas e comunitárias. Representantes do grupo Tambores do Morro, por exemplo, compartilharam que, apesar de ainda não terem conseguido levar todas as crianças ao parque, veem naquele espaço uma oportunidade importante de formação e convivência.

“A gente tem muita criança, e trazer elas pra um lugar assim exige estrutura, cuidado, lanche... mas é um espaço que a gente pensa em ocupar mais pra frente”, explicou Marcelo, ao falar dos desafios enfrentados por grupos culturais que atuam com crianças e jovens.

Ao longo da conversa, ficou evidente que o Parque do Areião vai além de um espaço verde: ele é também um território vivo, atravessado por disputas, mudanças e usos diversos. Antes palco de eventos e atividades que nem sempre dialogavam com a preservação ambiental, o parque passou por ajustes ao longo do tempo, impulsionados também pela presença de ambientalistas e pela atenção às nascentes e à fauna local. **Isabella Cecilia Gregório, do grupo Tambores do Morro**, que tem atuado no processo de recuperação da nascente, destaca o processo de mudança do parque:

“Era um local para eventos. Hoje ainda tem evento de grupos de pipas, mas antes também tinha cavalgada aqui. Com a questão das maritacas, da reprodução delas na época das festas, isso virou uma questão controversa pros ambientalistas da cidade. Então, isso também foi modificando o local dos eventos da cidade.”

**Isabella Cecilia Gregório,
do grupo Tambores do Morro**

A fala nos mostra como o parque passou a ser repensado não somente como um espaço de lazer, mas como um território ambiental sensível, onde a preservação da fauna e das nascentes exigiu novas formas de ocupação e cuidado.

Da visita ao Parque Areião, seguimos para a sede da **Associação Cultural do Congado de Laranjeiras** — um espaço que pulsa encontro, fé e tradição. Fomos acolhidos, sobretudo, pelas **mulheres da guarda**, que conduziram a conversa com sensibilidade, partilhando saberes, memórias e a força viva dessa manifestação cultural.



SEDE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DO CONGADO DE LARANJEIRAS, JOÃO MONLEVADE. SETEMBRO DE 2025.

O encontro teve início com uma oração dedicada a Nossa Senhora do Rosário, santa homenageada pela guarda, criando um ambiente de respeito e conexão. Nesse contexto, fé e cultura caminham juntas. A partir desse momento, a conversa se desenrolou em relatos, memórias e ensinamentos partilhados, fortalecendo ainda mais o sentido de pertencimento e tradição.



SEDE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DO CONGADO DE LARANJEIRAS, JOÃO MONLEVADE. SETEMBRO DE 2025.

Durante a conversa, as mulheres da guarda apresentaram a história do grupo, falaram sobre a organização da associação e sobre os desafios de manter viva a tradição do Congado. Nos relatos compartilhados pelos participantes dos grupos, a sede ganhou novos contornos e se mostrou como um ponto de referência afetiva para o bairro. Algumas pessoas reafirmaram seus laços com o Congado de Laranjeiras, falando sobre as ligações com a infância e familiares que participavam há muitos anos.

A sede do Congado de Laranjeiras é também espaço de despedida, de memória familiar e de pertencimento coletivo. Para muitos moradores, ali se concentram histórias de vida, vínculos intergeracionais e experiências marcantes nos ajudam a explicar por que o Congado permanece tão presente no cotidiano da comunidade.

A sede do Congado de Laranjeiras é também espaço de despedida, de memória familiar e de pertencimento coletivo. Para muitos moradores, ali se concentram histórias de vida, vínculos intergeracionais e experiências marcantes nos ajudam a explicar por que o Congado permanece tão presente no cotidiano da comunidade.

Os depoimentos de **Elaine de Andrade Oliveira Constantino** e **Marcia Maria Teixeira dos Anjos**, da **Associação de Artesãos de João Monlevade (Solidariarte)**, também nos revelaram como a aproximação com o Congado transforma o olhar de quem acompanha essa manifestação ao longo do tempo. Elaine contou que, embora aquela fosse sua primeira visita à sede, já conhecia o grupo pelas apresentações em espaços públicos, destacando que “eles dançam praticamente todo domingo, estão sempre na cidade” e que considera o Congado “uma cultura que nunca devia se perder”. Márcia também lembrou que, por muitos anos, não conseguia diferenciar as guardas e percebia as apresentações de forma superficial: “pra mim era tudo igual”. Com a convivência, passou a compreender os significados presentes na dança, nas vestimentas e nos objetos rituais, ressaltando que “não é uma mera dança, ela tem um significado”. Ao mencionar elementos como a espada, o espelho e o papel dos guardas durante os cortejos, afirmou que esse entendimento só foi possível a partir da vivência: “eu fui entender a partir do momento que comecei a conviver mais com esse grupo de Congado”. Para ambas, a troca entre os grupos culturais e a ocupação dos espaços públicos são fundamentais para ampliar o conhecimento da população e garantir a continuidade dessa tradição entre as novas gerações.

Um dos momentos mais marcantes foi a visita à sala onde estão guardados os ornamentos recebidos ao longo dos anos, oferecidos a cada visita realizada e durante as festas de Congado. Cada peça carrega uma história, um gesto de devoção e reconhecimento, formando um acervo construído coletivamente ao longo do tempo. Os tecidos, texturas, cores e tons de cada objeto do acervo foram observados e admirados pelos visitantes, que se viram encantados pela riqueza de cada item.

No final da visita, alguns membros da guarda se reuniram para uma apresentação rápida. Tocando instrumentos e cantando, nos mostraram que a tradição segue viva e em movimento. A presença dos mais jovens reforçou a ideia de continuidade, de aprendizado e de transmissão dos saberes, garantindo que a história do Congado de Laranjeiras siga sendo contada e vivida pelas próximas gerações.



SEDE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DO CONGADO DE LARANJEIRAS, JOÃO MONLEVADE. SETEMBRO DE 2025.



FEIRA PROMOVIDA PELO GRUPO SOLIDARIARTE, JOÃO MONLEVADE. SETEMBRO DE 2025.

Dessa imersão em cultura e fé, seguimos para a Feira Solidariarte — um espaço vivo de encontro, trabalho e valorização dos saberes locais, que reúne artesãos e produtores da agricultura familiar. Fomos acolhidos por Elaine, coordenadora da Solidariarte, que nos apresentou a proposta da feira e a importância desse espaço para o fortalecimento da economia local e da cultura comunitária.

Ali, vivenciamos um momento especial: circular pela feira, escolher o prato do dia e almoçar em meio a sabores que carregam histórias e tradições. Após o almoço, seguimos explorando as barracas, conhecendo o artesanato e outros produtos, em um ambiente animado por música ao vivo, que reforçava ainda mais a identidade cultural do lugar — incluindo a participação de um dos grupos do Cultiva.

FEIRA PROMOVIDA PELO GRUPO SOLIDARIARTE, JOÃO MONLEVADE. SETEMBRO DE 2025.



PRODUTOS DA FEIRA PROMOVIDA PELO GRUPO SOLIDARIARTE, JOÃO MONLEVADE. SETEMBRO DE 2025.



Após essa experiência, entre sabores que aquecem e conversas que aproximam, ficou o desejo de permanecer mais um pouco, mas sabíamos que a última parada nos aguardava com algo igualmente especial.

Seguimos para o bairro Santa Bárbara, onde fomos recebidos pela **Família Alcântara**, em um espaço atravessado pela memória, pela música e pela resistência, onde cada história ecoa como canto e continuidade. Mas a chegada foi acolhedora: os grupos foram recebidos pelos membros da família com um café da tarde, preparado com cuidado, e o encontro aconteceu em roda, nos aproximando ainda mais. Aos poucos, a casa foi se revelando como um verdadeiro espaço de memória.



SEDE DO CORAL DA FAMÍLIA ALCÂNTARA, JOÃO MONLEVADE. SETEMBRO DE 2025.



ACERVO DO CORAL DA FAMÍLIA ALCÂNTARA, JOÃO MONLEVADE. SETEMBRO DE 2025.

Circular por ali foi como estar dentro de um museu vivo, onde os grupos puderam ver fotografias antigas, recortes de jornais, peças de roupas usadas em apresentações, instrumentos musicais e outros objetos que contam a história da família e do coral. Cada item guardava uma lembrança, um acontecimento, uma passagem importante da trajetória do grupo.



VIII Encontro Nacional do FIPIR
Brasília-DF, 11 a 13 de dezembro de 2009

VIII Encontro Nacional do FIPIR
Brasília-DF, 11 a 13 de dezembro de 2009

XVI ENCORAMA Encontro Nacional de Corais de Maceió
V Festival Internacional
01 a 04 de Outubro de 2003

FIPIR
2009

ACERVO DO
CORAL DA FAMÍLIA
ALCÂNTARA, JOÃO
MONLEVADE.
SETEMBRO DE
2025.

PARABENS
Muita saúde
e paz.

A narrativa foi conduzida principalmente pela fala de **Ivone de Fátima**, diretora do coral, que compartilhou a origem do coral, fundado em agosto de 1963, inicialmente por apenas oito pessoas da própria família. Ao retomar a trajetória de **Pedro Antônio, fundador do coral**, Ivone lembrou que ele tinha apenas 12 anos quando se encantou pelo coral da holandesa Maria José van Leeuwen:

“Pedro Antônio, que fundou esse coral aos 12 anos, né? Quando ele veio pra João Monlevade, [...] ele trabalhava de noite como vigia, e e ouvia, os ensaios lá no Harpas, que era, é, feito, dirigido pela dona, dona Maria José van Leeuwen, uma missionária holandesa, que dava ensaios. [...] Ela tinha um coral, e ele ficava ouvindo do lado de fora. E quando ele, ele se aproximou e chegou pra ela e, e perguntou se, se ele podia participar, como é que era, tal, e ela explicou pra ele e deu as instruções necessárias pra poder se montar-se um coral.”

**Ivone de Fátima,
Família Alcântara Coral**

Ivone lembrou ainda que o grupo nasceu ligado à Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, no Caxambu, durante as missas do Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Segundo ela, naquele período, “a gente só respondia ‘amém’, porque a missa ainda era em latim”, e a participação musical da comunidade foi se fortalecendo com a chegada dos cânticos litúrgicos trazidos de Belo Horizonte pela irmã Cassimira Tomé. As músicas eram preparadas à noite e apresentadas no dia seguinte, num esforço coletivo que unia fé, disciplina e aprendizado.

Foi a partir desse contexto religioso que o coral passou a dialogar diretamente com o Congado. As músicas de cortejo, tradicionalmente cantadas nas ruas durante os festejos do Rosário, foram adaptadas por Pedro, uma das crianças levadas ao palco.

“Ele adaptou as músicas do Congado para o coral, e deu muito certo”, explicou Ivone, ressaltando como essa transposição ampliou o alcance da cultura congadeira sem romper com suas raízes.

Ao longo dos anos, o grupo foi crescendo, viajando e levando a cultura do povo negro para outros territórios. Ivone lembrou com emoção a primeira viagem a Belo Horizonte, as apresentações em teatros, a construção artesanal de cenários e figurinos feitos com materiais simples, como por exemplo, bambu, folhas, ossos, sementes, e o reconhecimento recebido do público.

A fala também trouxe à tona os desafios enfrentados ao longo do tempo, como a diminuição do número de integrantes, a perda de membros da família, como a matriarca Vovó Mena e Pedro, e as dificuldades de manter o grupo sem apoio contínuo de projetos ou recursos.

Os olhos e ouvidos atentos dos participantes acompanhavam a conversa, atravessada por memórias, perdas e conquistas. Embora todos já conhecessem a Família Alcântara, muito presente em eventos culturais do município, estar ali, dentro da casa, ouvindo a história diretamente de quem a vive, trouxe outra dimensão ao encontro. Como lembraram Elaine e Márcia, da Solidariarte, o primeiro contato com o coral aconteceu ainda à distância: “eu vi pela primeira vez na televisão, no show com o Milton Nascimento”.



SEDE DO CORAL DA FAMÍLIA ALCÂNTARA, JOÃO MONLEVADE. SETEMBRO DE 2025.



SEDE DO CORAL DA
FAMÍLIA ALCÂNTARA,
JOÃO MONLEVADE.
SETEMBRO DE 2025.



Marcia e Elaine também mencionaram a relação construída ao longo do tempo com a família e com o coral, lembrando experiências de convivência em cursos e atividades culturais. Para elas, conhecer a trajetória da Família Alcântara é também perceber o esforço contínuo de manter viva uma tradição passada de geração em geração. Nesse sentido, chamaram atenção para os desafios enfrentados atualmente, sobretudo em relação à permanência dos mais jovens no grupo. Segundo relataram, há uma nova geração que tenta seguir a tradição da família, mas que encontra dificuldades diante do desinteresse de parte dos meninos, hoje mais voltados para outras atividades.

As visitas realizadas em João Monlevade revelaram, em diferentes dimensões, a força das relações entre cultura, território, memória e comunidade. Em comum, esses espaços nos mostraram como estão atravessados por histórias de resistência, transmissão de saberes e cuidado coletivo, seja por meio da música, da fé, da tradição congadeira ou da preservação ambiental. Como gesto de encerramento simbólico dessa experiência compartilhada, o coral da Família Alcântara se reuniu para cantar “Sorriso negro” (Dona Ivone Lara) para os participantes, transformando o canto em síntese afetiva do percurso: um gesto de acolhimento, ancestralidade e afirmação da cultura negra como elo que conecta pessoas, histórias e territórios.



Juiz de Fora

Em Juiz de Fora, o dia começou em um sábado ensolarado e quente. Representantes dos grupos culturais **City of Break**, **Ilê Iyá Ominibú Asé Omitogum**, **Trama Sensorial** e **Grupo Nzinga de Contadoras de Histórias** caminharam pelo centro histórico da cidade, observando fachadas, ruas movimentadas e espaços que fazem parte do cotidiano urbano. A proposta era circular, olhar com atenção e perceber como a história da cidade se manifesta nos detalhes. Entre muitos pontos observados ao longo do caminho, a primeira parada foi em um lugar que despertou memórias afetivas em vários dos participantes: o Museu Ferroviário de Juiz de Fora.



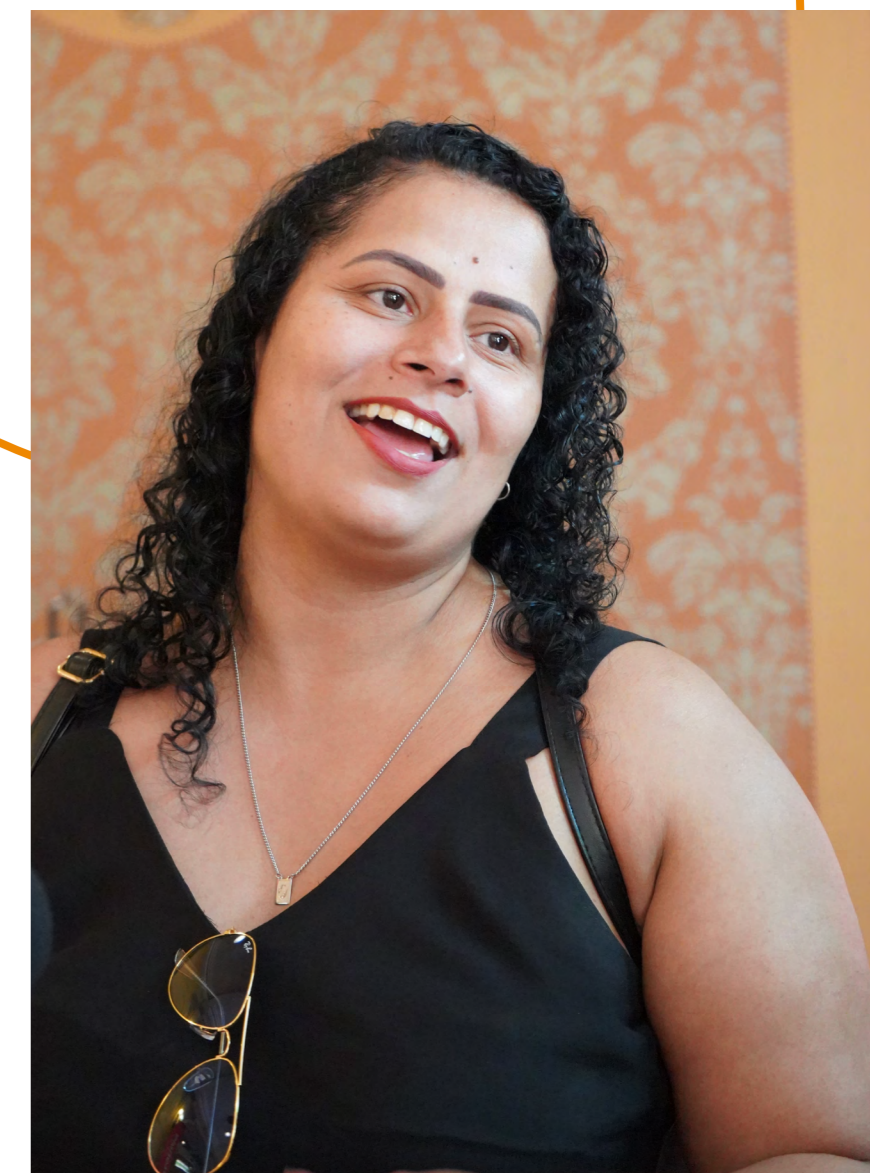
ESTAÇÃO LEOPOLDINA, JUIZ DE FORA. SETEMBRO DE 2025.

Instalado no prédio da antiga Estação Leopoldina, o museu ocupa um espaço que, durante décadas, foi ponto de chegada e partida de pessoas, mercadorias e histórias. Ao entrar no local, muitos dos participantes começaram a compartilhar lembranças de infância, de quando o trem ainda estava em funcionamento, das viagens, dos sons e do movimento constante da estação. As memórias iam surgindo naturalmente, enquanto o grupo circulava pelas salas.

Nesse contexto, Carolina Martins Saporetti, do grupo cultural City of Break, compartilhou lembranças relacionadas aos passeios de trem conhecidos como “Xangai”, vivenciados ainda na infância, evidenciando o caráter afetivo e turístico dessas experiências:

“[...] eu nasci em 90, né, então 95, 96, mais ou menos assim, de fazer esse passeio de Xangai, de pegar aqui, por aqui, tinha a estação e minha mãe trazia eu e meu irmão pra poder fazer esse passeio até Matias Barbosa, a gente comprava pipoca, aí quando passava num tunel, né, aquela gritaria dentro do trem, né, então tem essas lembranças.”

**Carolina Martins Saporetti,
City of Break**



CAROLINA MARTINS SAPORETTI, CITY OF BREAK, JUIZ DE FORA. SETEMBRO DE 2025.

A conversa seguiu mobilizando outras memórias e ampliando o entendimento sobre os diferentes usos do trem ao longo do tempo. **Flávia de Paula Carvalho**, do grupo cultural **Nzinga de Contadoras de Histórias**, também lembrou sua experiência com o Xangai, destacando tanto o passeio quanto a função de transporte cotidiano exercida pelo trem:

“Sempre ia, no final de semana, passear no Xangai, ia pra Matias. Aí a gente ia e voltava. Era uma diversão, né? [...] essa memória do Xangai, é gostosa, bacana. É muito viva, muito viva! [...] E ele também é um trem de transporte, porque ele ia até, passava por Benfica, que é um bairro mais distante, então ele ia daqui do centro pra Benfica. Então as pessoas que trabalhavam em Bel, que é a indústria de material bélico, que era muito grande até pouco tempo, eles vinham de lá pra cá, na hora do trabalho. Então ele fazia esse transporte também, de passageiros. As pessoas que moravam na zona norte, vinham nele.”

Flávia de Paula Carvalho,
Grupo Nzinga de
Contadoras de Histórias



FLÁVIA DE PAULA CARVALHO, NZINGA DE CONTADORAS DE HISTÓRIAS, JUIZ DE FORA. SETEMBRO DE 2025.

As memórias sobre o trem também foram ampliadas a partir da fala de **Lêda Bárbara Soares**, fotógrafa do projeto Além das palavras, do grupo cultural **Trama Sensorial**, que contextualizaram o Xangai dentro de um sistema mais amplo de circulação, infraestrutura e transformações urbanas da cidade, articulando lembranças pessoais com reflexões históricas e patrimoniais:

“Eu ia passear com a minha mãe, que eu morava aqui no centro [...] o Xangai fazia a locomoção aqui distrital, Juiz de Fora e os bairros um pouquinho mais distantes, como Benfica, então era transporte público. Era como ele fazia o papel do ônibus, então vinha muitos trabalhadores de Matias, por exemplo, que vinham pra cá. Matias naquele período era quase uma cidade dormitório. Ela atendia nessas cidades e por vizinhas a Juiz de Fora. [...] Tudo tem início, meio e fim, não tem preservação nem de memória, nem de bem. Então acaba.”

Lêda Bárbara Soares,
Trama Sensorial



LÊDA BÁRBARA SOARES, TRAMA SENSORIAL, JUIZ DE FORA. SETEMBRO DE 2025.



Durante a visita, os participantes percorreram os diferentes ambientes do museu, conhecendo objetos, fotografias, instrumentos de trabalho, mobiliários e equipamentos ligados ao funcionamento da ferrovia. As salas contam a história de um período em que Juiz de Fora crescia ao ritmo do apito das locomotivas, quando a Estrada de Ferro Leopoldina teve papel fundamental no desenvolvimento da cidade e na ligação com outras regiões.

Entre uma sala e outra, as conversas continuaram. Falava-se sobre o fim dos trens de passageiros, sobre a desativação da estação nos anos 1970 e sobre como aquele espaço, antes tão movimentado, foi ressignificado ao se transformar em museu. Para muitos, a visita não foi apenas informativa, mas também emocional, conectando lembranças pessoais à história coletiva da cidade.

Ainda em Juiz de Fora, os grupos culturais visitaram o Centro de Preservação da Memória Negra, um espaço recente, mas carregado de significado. Instalado no Paço Municipal, o Centro nasceu como uma iniciativa voltada para a valorização da história e da cultura negra na cidade. No momento da visita, a exposição Estesia estava em cartaz e tinha como proposta central convidar o público a desacelerar e a vivenciar a história por meio dos sentidos, em oposição aos longos processos de silenciamento e apagamento das memórias negras.



CENTRO DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA NEGRA, JUIZ DE FORA.
SETEMBRO DE 2025.

Logo no início da visita, **Marina**, guia do **Centro de Preservação da Memória Negra**, apresentou o espaço como uma política pública de reparação histórica. Segundo ela, o Centro surgiu da necessidade de reconhecer a centralidade da população negra na formação de Juiz de Fora e da região da Zona da Mata, frequentemente invisibilizada pelas narrativas oficiais.

Ao explicar o conceito da exposição, Marina destacou que **Estesia** se constrói como o oposto da anestesia histórica imposta à cultura negra ao longo dos séculos. Para ela, a proposta é provocar sensações, escuta e reflexão, rompendo com o entorpecimento social diante das violências do colonialismo e da escravidão:

“A nossa exposição se chama Estesia. Mas a nossa intenção com estesia é trazer algo que seja o contrário da anestesia. Esse anestesiamento que ocorreu durante séculos relacionado à cultura negra, à história negra, à memória negra, não só de Juiz de Fora, mas do Brasil inteiro.”

**Marina, guia do
Centro de Preservação
da Memória Negra**



MARINA, GUIA DO CENTRO DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA NEGRA, JUIZ DE FORA. SETEMBRO DE 2025.

Durante a fala, Marina contextualizou a própria formação histórica da cidade, lembrando que Juiz de Fora nasceu a partir do colonialismo e do trabalho da população negra escravizada, inicialmente ligada ao transporte de ouro e pedras preciosas e, posteriormente, à produção cafeeira. Segundo ela, apesar dessa origem, a narrativa oficial da cidade acabou sendo sobreposta por histórias de imigração europeia, que relegaram a população negra a um lugar secundário:

“Juiz de Fora é fruto do colonialismo. É uma cidade que nasce durante o período da colônia. Ela nasce desse transporte de minério, de ouro, de pedras preciosas da região mineradora para o Rio de Janeiro. E aí a população negra escravizada vem para Juiz de Fora por causa desse transporte e também por causa da produção de café. Então, a Juiz de Fora nasce negra, ela nasce como cidade negra e depois a história alemã, a história italiana, a história dos libaneses, dos árabes, elas vão sobrepondo essa história negra de Juiz de Fora.”

Marina, guia do Centro de Preservação da Memória Negra

Essa reflexão se materializava logo na entrada da exposição, por meio de um grande painel com imagens de pessoas negras importantes para a história da cidade. O painel reúne figuras simples do cotidiano, nem sempre reconhecidas como grandes lideranças, mas fundamentais na construção de referências culturais, religiosas, políticas e sociais:

“Esse painel traz pessoas de Juiz de Fora, que são pessoas simples. Pessoas que trouxeram as suas referências negras para Juiz de Fora e que viveram, não como grandes lideranças, com exceção, é claro, do Nathanael, que foi o primeiro vereador negro de Juiz de Fora, mas que tem suas referências no candomblé, na saúde, no movimento de fé e política, no sindicato, no partido.”

Marina, guia do Centro de Preservação da Memória Negra

Ela ressaltou ainda que o painel também inclui referências diversas, como a de **Ângela Maria, travesti negra**, evidenciando a pluralidade das experiências negras na cidade. Para Marina, trata-se de reconhecer trajetórias que abriram caminhos para as gerações atuais.

Enquanto circulavam pelo espaço, os participantes estabeleceram conexões entre o que era apresentado e suas próprias reflexões sobre a história da cidade. Flávia, Leticia e Carolina destacaram como as narrativas tradicionais de Juiz de Fora exaltam figuras consideradas pioneiras, sem reconhecer o protagonismo da população negra na construção material e simbólica do município:

“A história de Juiz de Fora, ela não contemplava até pouco tempo a questão do negro, entendeu? Os exaltados eram os engenheiros, os pioneiros, entendeu? Eles são tidos como pioneiros, mas tipo assim, quem construiu? Se eu penso assim: a maior parcela da sociedade é de pessoas negras. Quem construiu a cidade? Quem construiu? Quem estava no chão da fábrica? Quem estava construindo? Quem abriu a avenida Rio Branco? Quem construiu a União Indústria, né? Quem construiu a União Indústria? Tudo isso foram os negros, e assim, não é salientado.”

Flávia de Paula Carvalho, Grupo Nzinga de Contadoras de Histórias

A fala reforçou a crítica ao apagamento histórico do trabalho negro e ampliou a reflexão para a organização espacial da cidade, marcada por desigualdades raciais que atravessam o passado e o presente:

“Ah, e tem a questão da divisão da cidade, né? De um lado do rio, ficam os negros. Pra cá, do lado de cá do rio, aí as pessoas voltam. Agora sim, porque os bairros já foram se formando, então os bairros... Mas isso é legal de falar, até.”

Flávia de Paula Carvalho, Grupo Nzinga de Contadoras de Histórias

Ao retomar o processo de urbanização de Juiz de Fora, Leticia apontou como decisões políticas e econômicas resultaram na expulsão da população negra e indígena de determinadas áreas, evidenciando a continuidade dessas estruturas de exclusão:

“Isso aconteceu, não aconteceu, acontece até hoje, por quê? A cidade começou lá do outro lado. Só que num dado momento, eles falaram assim, não, a gente é urbano, vamos passar pro outro lado. E aí o Antônio Dias, que é um dos pioneiros do Juiz de Fora, comprou todas as terras daqui e urbanizou esse lado de Itaco. E lá ficou rural. E tirou os negros de lá, né? [...] Aqui pra cima eram os negros indígenas também. Por exemplo, na região do Cascatinhas, era tribo curi.”

Leticia Rabelo, guia turística

Essas críticas às narrativas oficiais também apareceram na fala de Carolina, que refletiu sobre os debates em torno da reabertura de instituições museológicas da cidade e sobre quais histórias são, de fato, escolhidas para serem contadas. Ao comentar o processo de reabertura do Museu Mariano Procópio, por exemplo, ela questionou a permanência de uma abordagem positivista e excludente:

“Quando o museu (Mariano Procópio) foi reabrir, a gente teve várias discussões. Qual era o museu Mariano Procópio que a gente queria? Porque reabriu o museu, que ficou 16 anos fechado, para contar a mesma historinha positivista do Dom Pedro, do museu do Mariano Procópio, igual ela falou, como empresário. Não era empresário, gente.”

Carolina Martins Saporetti, City of Break

Ela destacou ainda a importância de tensionar essas narrativas consagradas e de inserir outros sujeitos históricos no espaço museológico, reconhecendo contradições e silenciamentos. Para ela, pequenos gestos curatoriais, como a presença de imagens e referências logo na entrada das exposições, já produzem deslocamentos importantes no modo como o público se relaciona com a história.

Essas falas dialogaram diretamente com a proposta da exposição Estesia, ao evidenciar que a memória negra não pertence apenas ao passado, mas atravessa o presente da cidade, moldando territórios, relações e desigualdades. A visita ao Centro de Preservação da Memória Negra foi, assim, um momento de escuta, reflexão e sensibilização, reforçando a importância de reconhecer os saberes, as histórias e as experiências negras como parte fundamental da história de Juiz de Fora.

Para os grupos culturais, a experiência ampliou a compreensão do patrimônio cultural como algo que envolve corpo, sentidos e vivências, e não apenas edifícios ou objetos. A visita foi um convite a olhar para a cidade a partir de outras narrativas, outras vozes e outras memórias, historicamente silenciadas, mas ainda vivas e em permanente resistência.

A visita seguinte levou os grupos culturais ao Cine-Theatro Central e, logo na entrada, o impacto foi imediato. A grandiosidade e beleza do espaço davam a impressão de que o tempo desacelerou, ou melhor, voltou: assim que atravessaram as portas, a impressão é que todos foram transportados para outra época.



**CINE-THEATRO
CENTRAL, JUIZ DE
FORA. SETEMBRO
DE 2025.**

As cortinas vermelhas, de veludo; os balcões semelhantes aos palcos de ópera e a harmonia do espaço despertaram admiração imediata. Enquanto caminhavam devagar, os grupos observavam cada detalhe, como quem não quer perder nada. Um dos pontos que mais chamou atenção dos participantes foi o teto pintado a mão pelo artista italiano Angelo Biggi. Nele, aparecem figuras que lembram personagens da mitologia, como faunos e ninfas, misturadas a desenhos ornamentais e a medalhões com rostos de nomes da música clássica. Tudo isso forma uma grande pintura que parece abraçar o teatro inteiro.



CINE-THEATRO CENTRAL, JUIZ DE FORA. SETEMBRO DE 2025.

Enquanto circulavam pelo teatro, os participantes trocavam lembranças. Surgiam histórias da primeira ida ao cinema, do primeiro show assistido ali, do primeiro passeio escolar, experiências que marcaram diferentes gerações. Para muitos, aquele espaço fez parte da infância e da juventude; para outros, era a primeira vez dentro do teatro, mas a sensação era de familiaridade, como se o lugar guardasse memórias coletivas.

Carolina lembra que o espaço também faz parte da memória coletiva dos alunos da Universidade Federal de Juiz de Fora:

“Para muita gente da UFJF, a colação de grau é aqui. A minha foi aqui. Eu me formei em licenciatura em História em 2013. Quando começa a cerimônia, toca aquela música da corrida do Ayrton Senna, e quando chamam o curso da gente, você desce aquelas escadas... é uma mistura de sentimentos, é muito marcante.”

Carolina Martins Saporetti, City of Break

Inaugurado em 1929, o Cine-Theatro Central foi pensado para receber grandes espetáculos e, ao longo do tempo, tornou-se uma das principais salas de cinema da cidade, acompanhando transformações culturais e sociais de Juiz de Fora. Tombado como patrimônio, o teatro atravessou décadas, passou por restauração e segue ativo, recebendo espetáculos e reafirmando sua importância na vida cultural local. Os quase cem anos do teatro não passaram batidos: saímos do espaço extasiados, tocados pela beleza da arquitetura, pela força da história ali condensada e pela sensação de estar diante de um lugar repleto de memórias, afetos e disputas.

A visita em Juiz de Fora nos fez refletir e permitiu que os grupos percebessem que a memória da cidade não é neutra: ela é construída, disputada e marcada por ausências. Em diversos espaços da cidade, como por exemplo o Museu Ferroviário, é possível identificar as narrativas sobre progresso e modernização nos projetos que moldaram a cidade, mas também quais sujeitos foram historicamente reconhecidos como protagonistas. Como um importante contraponto, o Centro de Preservação da Memória Negra propõe uma escuta atenta às histórias da **população negra**, trazendo à superfície saberes, trajetórias e experiências que permaneceram por muito tempo silenciadas nos registros oficiais. O Cine-Theatro Central, enquanto espaço emblemático da vida cultural urbana, também provocou reflexões sobre pertencimento, acesso e cidadania, nos convidando a pensar quem pôde ocupar e produzir a cidade ao longo do tempo. Juntos, esses espaços despertaram discussões sobre memória, apagamento e reconhecimento, evidenciando a importância de ampliar os modos de narrar a história local, incorporando vozes, corpos e experiências negras como parte fundamental da construção de Juiz de Fora e de sua identidade coletiva.



Contagem

Em Contagem, nas visitas com representantes dos grupos **Ilê Asé Igba Ogum, Projeto Geração GK, Libras na Comunidade e Escadão Filmes**, a primeira parada aconteceu no terreiro Ilê Asé Igba Ogum mesmo sob uma chuva forte, que caía do lado de fora e parecia tentar adiar o passeio. Enquanto a chuva insistia em cair e o frio se fazia presente do lado de fora, no interior do terreiro éramos atravessados por outra atmosfera: o acolhimento de Mãe Cida de Ogum, chamava atenção.



ILÊ ASÉ IGBA OGUM, MÃE CIDA,
NOVA CONTAGEM. OUTUBRO
DE 2025.



ILÊ ASÉ IGBA OGUM, NOVA
CONTAGEM. OUTUBRO DE
2025.

Ao longo de quase uma hora de conversa, ela compartilhou, de forma detalhada e sensível, sua história de vida e a trajetória da casa, entrelaçando memórias pessoais, experiências espirituais e o processo de consolidação do terreiro no território. A história de vida de Mãe Cida se confunde com a própria história da casa. Nascida em Barra Mansa, no estado do Rio de Janeiro, ela nos contou que seu primeiro contato com a espiritualidade aconteceu

ainda nas primeiras horas de vida: **“Eu nasci praticamente dentro da religião com quatro horas de nascida, eu estava dentro de um axé de Angola, onde foi o meu primeiro contato com a espiritualidade.”**

Com a mudança da família para Minas Gerais, a trajetória religiosa seguiu se aprofundando. Seu pai abriu uma casa de umbanda, e Mãe Cida passou por diferentes experiências em terreiros até consolidar o seu próprio espaço, fundado no início da década de 1980. Atualmente, o terreiro reúne cerca de 70 filhos de santo ativos e mantém uma intensa agenda de atividades religiosas. As sessões de umbanda e candomblé e as celebrações mobilizam não apenas os membros da casa, mas também moradores da região.

O compromisso com a comunidade também se expressa nas ações sociais desenvolvidas pela casa. Segundo Mãe Cida, a distribuição de cestas básicas é feita sem distinção religiosa: **“A gente faz o ajuste de cesta básica para as pessoas carentes, que precisam ser independentes da religião.”** Para ela, a urgência da fome se sobrepõe a qualquer diferença de crença: “quem tem fome tem pressa”.

A visita também foi marcada pelos depoimentos de Gabriel Marcos e Pedro, integrantes do **Escadão Filmes**, para quem o contato com o terreiro representou uma experiência inédita e transformadora. Gabriel contou que aquela foi sua primeira vez em um terreiro e relacionou a experiência à sua trajetória pessoal, revelando que cresceu com muito estigma sobre as religiões de matriz africana. Para ele, foi apenas na vida adulta, especialmente após a experiência universitária, que passou a olhar para as religiões de matriz africana sem o peso do preconceito: “Só quando eu consegui olhar de fora, consegui entender que cada um tinha seu caminho diferente, tinha escolhido seu caminho diferente.” Estar no terreiro, portanto, representou um momento significativo: **“Hoje para mim é um momento muito especial de estar aqui”**, ainda que suas memórias anteriores sobre o tema estivessem marcadas por estigmas e visões pejorativas.

Pedro, por sua vez, também destacou que aquele era seu primeiro contato direto com um terreiro. Embora sua família reúna diferentes crenças, como evangélicos, católicos e espíritas, ele afirmou que nunca havia tido uma vivência direta em um espaço como aquele. Para ele, a experiência foi atravessada por sua atuação no campo da arte e da cultura:

“Para mim quem trabalha com arte e cultura tem que conhecer de tudo e respeitar todo mundo. [...] Uma das piores coisas é ter um artista que tem preconceito com alguma coisa”.

Os depoimentos de Gabriel e Pedro deixam claro que a visita ao Ilê Asé Igba Ogum ultrapassou o caráter informativo. Estar no terreiro abriu espaço para reflexões pessoais, para o confronto com estigmas aprendidos e para o contato com outras formas de viver a fé e a cultura. O terreiro, portanto, se ampliou e mostrou ser mais do que um espaço de fé, revelando seu caráter pedagógico, capaz de provocar escuta, diálogo e transformação de olhares.

Saímos do terreiro atravessados por cada palavra de Mãe Cida. Sua atenção, o tempo dedicado à conversa e a maneira próxima com que falou de sua vida e da casa criaram um clima de proximidade e de afeto de tal forma que foi difícil se despedir. O Ilê Asé Igba Ogum permaneceu conosco depois da saída, como ficam os lugares que acolhem, ensinam e marcam.

Do terreiro, partimos para o bairro Bernardo Monteiro, onde está localizada a Casa de Cacos. Logo na chegada, a casa chamou a atenção e arrancou sorrisos, despertando curiosidade e encantamento nos grupos culturais. Para alguns participantes, o espaço já era conhecido; para outros, tratava-se de uma descoberta inédita. Foi o caso de Naiara Rocha, do projeto Geração GK, que relatou nunca ter ouvido falar da Casa de Cacos e demonstrava surpresa diante de tudo o que via, observando atentamente os detalhes, as cores e a forma como os materiais se organizavam no espaço.



ISABEL VIEIRA (AIC), CASA DE CACOS, CONTAGEM. OUTUBRO DE 2025.

Ao atravessar os ambientes da casa, o encanto era geral e os participantes observavam cada parede, cada detalhe coberto por cacos de louça, vidro e cerâmica, fazendo especulações: quanto tempo teria levado para construir cada ambiente? Por que aquele formato, aquele desenho, aquele canto? As perguntas surgiam naturalmente, acompanhadas de risadas, comentários e trocas de impressões, evidenciando o impacto imediato provocado pelo lugar, especialmente entre aqueles que tinham o primeiro contato com o espaço.

Durante o percurso, foi possível conhecer a história de **Carlos Luís de Almeida**, geólogo aposentado que iniciou o projeto nos anos 1960, transformando uma casa simples em uma obra única. Ao longo de quase três décadas, ele foi revestindo muros, móveis e fachadas com fragmentos vindos de diferentes lugares, muitos deles doados por vizinhos, outros coletados por ele mesmo. O que começou como um projeto pessoal acabou se tornando um marco da cidade.

A visita também despertou memórias pessoais, como as compartilhadas por **Mãe Cida**, que relacionou a Casa de Cacos a diferentes momentos de sua própria trajetória. Ao lembrar sua primeira visita, contou que conheceu o espaço em uma excursão escolar ainda na infância. Em outro momento da vida, a Casa de Cacos reapareceu como espaço de transmissão entre gerações, já que na vida adulta, Mãe Cida retornou ao local acompanhada da família e destacou o “cheirinho de infância” que a casa possui: **“eu trouxe meus filhos. Eles ficaram bem felizes [...] é uma história bem legal dessa casa aqui, gente, uma lembrança. me traz um cheirinho de infância.”**

Sua fala dialoga com a experiência de participantes como Naiara Rocha, que, mesmo sem memórias prévias do lugar, construía ali suas primeiras impressões, marcadas pelo encantamento e pela surpresa.

A visita foi concluída de forma leve e afetiva, com uma pequena canção entoada pela guia da Casa de Cacos, que reuniu o grupo em um momento de escuta e descontração, nos incentivando a cantar junto, em versos simples, o encanto provocado pelo espaço:

“É na cozinha
é no quintal
até no banheiro
é fenomenal

e pela sala,
charme total
nos quartos, em tudo
grande astral

Carlos fez valer
cada caco,
pode crer,
de formatos mil

A Casa de Cacos
ganhou o Brasil”

A canção funcionou como um fechamento simbólico da visita, reforçando a ideia de que a cultura também se constrói a partir do improviso, da imaginação e da relação afetiva entre pessoas e lugares, seja por meio das lembranças de infância, seja pela descoberta inesperada de um espaço até então desconhecido.

Da Casa dos Cacos seguimos para a **Estação Bernardo Monteiro**, espaço marcado pela memória ferroviária e pela formação urbana da região. Ali, fomos recebidos pelo escritor **Ailson Leite**, autor do livro O meu Bernardo Monteiro, que nos conduziu por histórias da ferrovia, da estação e do bairro, destacando como a chegada dos trilhos foi decisiva para o desenvolvimento local e para a constituição de vínculos comunitários ao longo do tempo. A visita foi complementada pela guia responsável pela **Estação de Memórias**, que nos apresentou o acervo e os processos de preservação ali desenvolvidos, reunindo fotografias, objetos e relatos que mantêm viva a história do lugar. Mais do que um antigo ponto de passagem, a estação se revela hoje como um espaço de memória e educação patrimonial, onde o passado ferroviário segue sendo compartilhado e ressignificado coletivamente.

ESTAÇÃO
BERNARDO
MONTEIRO,
CONTAGEM.
OUTUBRO DE
2025.



O dia se encerrou com uma visita especial à Irmandade Os Ciriacos, em um momento marcado pela escuta atenta de todos que participavam. A conversa aconteceu no interior da sede da irmandade e foi conduzida por Antônio Jorge Muniz, o seu Antônio, conhecido como Toinzinho, liderança do grupo e guardião de sua memória. Enquanto ele narrava a trajetória da Irmandade, o som dos pássaros cantando do lado de fora atravessava o ambiente, se misturavam à sua fala e criando uma atmosfera serena.



IRMANDADE
DOS CIRIACOS,
CONTAGEM.
OUTUBRO DE 2025.



ANTÔNIO JORGE MUNIZ, CAPITÃO-MOR DA IRMANDADE
DOS CIRIACOS, CONTAGEM

O espaço chamava atenção pela forte presença simbólica. Os tons de azul dominavam o ambiente: o teto decorado, cuidadosamente ornamentado, envolvia quem estava ali, reforçando a sensação de estar em um lugar construído coletivamente, com zelo e devoção. Ao fundo, um altar reunia diversos santos, dispostos de forma abundante, revelando a riqueza da religiosidade popular e a centralidade da fé na vida do grupo.

Durante a roda de conversa, uma das participantes compartilhou suas memórias relacionadas às festas da Irmandade, destacando o caráter coletivo e acolhedor desses encontros. Ela comentou o cuidado e o capricho com que tudo é feito. Ao relembrar uma das festas, descreveu uma grande mesa repleta de comida, onde todos participavam, moradores da comunidade e visitantes, sem qualquer distinção.

A partir dessa fala, o Sr. Antônio explicou as particularidades da Festa do Candombe, esclarecendo que, diferentemente das festas do reinado, o candombe não possui um horário específico para a refeição. Enquanto o candombe está sendo tocado, as pessoas se servem, comem e retornam à roda, num fluxo contínuo que reforça a ideia de encontro. Ele explicou que o candombe é considerado o pai do reinado, sendo o primeiro toque feito em louvor a Nossa Senhora do Rosário pelos negros, segundo a tradição oral. A partir desse toque inicial, teria surgido o reinado, entendido como o festejo e as celebrações de honra e glória dedicadas à santa. O candombe foi descrito por ele como um momento de perguntas e respostas, de reunião e troca entre os grupos, com papel fundamental na história e na espiritualidade do Congado.

Fundada em 1954, em Belo Horizonte, a Irmandade Nossa Senhora do Rosário, conhecida como Grupo de Congado Ciriacos, construiu uma longa trajetória também em Contagem, onde hoje está sediada no bairro Novo Progresso. Sr. Antônio explicou que a Irmandade foi criada por seu pai e, ao longo do tempo, passou de geração em geração dentro da família. “Essa Irmandade veio pro meu pai no dia três de maio de 1954. Meu pai recebeu, veio caminhando, depois passou pra mim. Deus levou ele e eu tô aí lutando e caminhando até hoje”, lembrou.

Ao rememorar as transformações vividas ao longo das décadas, seu Antônio falou sobre o período em que a relação entre o Congado e a Igreja Católica era marcada por restrições.

“Quando fechou as portas para o reinado, a gente fazia parte, sim, mas era assim: vinha a festa, conversava com o padre, ele marcava aquele momento dos responsável ir lá comungar. A gente chegava com a guarda de reinado, batendo, entrava, assistia a missa, a missa era em latim, acabava a missa, formava a guarda, saía pra fora e seguia.”

Antônio Jorge Muniz, Irmandade dos Ciriacos, Contagem. Outubro de 2025.

Com o tempo, esse cenário começou a mudar. Ele explicou que, após um período de afastamento, as igrejas voltaram a abrir espaço para o Congado, dando origem à Missa Conga e lembrou de sua primeira Missa Conga:

“Aí eles abriram as portas e nós voltamos, aí se criou a Missa Conga. A Missa Conga foi pra mostrar a nossa presença dentro da Igreja Católica, foi sempre isso. [...] A minha primeira Missa Conga eu tava com idade de vinte e três pra vinte e quatro anos. Foi feita na Igreja dos Santos Anjos, lá na Nova Esperança. Naquele tempo o reinado era pequenininho, era a nossa Irmandade mesmo.”

Antônio Jorge Muniz, Irmandade dos Ciriacos, Contagem. Outubro de 2025.

Ele falou ainda sobre sua postura firme na condução do grupo, como forma de garantir a continuidade da tradição. Ao ser perguntado se sentia alguma diferença entre o passado e o presente da irmandade, foi direto: **“Mudou nada, não. Não mudou porque eu não deixo mudar. Eu sou até chamado de chato. Mas aqui é reinado antigo.”** Para ele, preservar a tradição não significa rigidez sem diálogo, mas compromisso com o respeito e com os ensinamentos recebidos. “Reinado de Nossa Senhora do Rosário é festa do povo. Quer fazer parte? Vem, acompanha. Porque ver o festejo é uma coisa, participar é outra.”

Ao longo do ano, os Ciriacos celebram datas fundamentais para sua identidade, como a Festa de São Benedito, a Festa de São Jorge e a Festa de Nossa Senhora do Rosário. Essas celebrações não acontecem de forma isolada: outras irmandades são convidadas, fortalecendo laços, trocas e a continuidade do Congado como tradição viva. A proximidade com a Comunidade dos Arturos foi mencionada como exemplo dessa relação, já que é comum a presença mútua nas festas, reforçando vínculos históricos entre os grupos.

Ao final do percurso por Contagem, saímos com a percepção de que os espaços visitados não existem isoladamente, eles **conversam entre si**. No terreiro, na Casa de Cacos, na Estação Bernardo Monteiro e na Irmandade dos Ciriacos, encontramos diferentes formas de cuidar da memória: seja pela fé, pela arte feita com as próprias mãos ou pela tradição que passa de pai para filho. Em todos esses espaços, havia algo em comum: gente **sustentando história com o corpo, com a palavra, com o gesto**. Contagem se revelou, assim, como um território de permanências, onde cultura e comunidade seguem caminhando juntas, apesar do tempo.



Itaúna

Em Itaúna, as tradições do reinado e da congada seguem atravessando gerações, sustentadas pelo trabalho coletivo das guardas e irmandades que mantêm viva a herança afro-brasileira da cidade. Começamos nosso percurso na sede da **Guarda de Moçambique de Santa Efigênia**, cuja trajetória se entrelaça com a devoção, a memória e a resistência das comunidades negras da cidade. A devoção a Santa Efigênia e a Nossa Senhora do Rosário se tornou um importante ponto de referência para a organização do grupo, fortalecendo vínculos comunitários e reafirmando a identidade afro-brasileira local. **Os grupos: Moçambique Santa Efigênia, Guarda de Candombe de Nossa Senhora do Rosário, Black stone 037 e Black Rua** puderam acompanhar o trajeto das visitas.

Jefferson Lázaro da Silva Gregório, Capitão Regente da Guarda de Moçambique de Santa Efigênia, foi quem nos recebeu no espaço. O quartel da guarda é um importante espaço de encontro e convivência, e também guarda parte dessa história. É ali que os integrantes se reúnem para fazer as manifestações, as vivências e os compromissos para cumprir as agendas anuais do grupo, mantendo viva a tradição. A história da guarda se conecta diretamente à tradição mais ampla do reinado na cidade. Para Jefferson, essa prática possui uma profundidade histórica e cultural que merece atenção:

“Aqui na cidade a gente tem o reinado como a cultura mais antiga. Ele já existia antes de Itaúna ser emancipada. A nossa cidade tem 124 anos, mas o reinado sobrevive aqui há mais de 280 anos.”

Jefferson Lázaro da Silva Gregório,
Capitão Regente da Guarda de Moçambique de Santa Efigênia, Itaúna.

Esse tempo longo de permanência nos revela continuidade, mas também resistência. Ao longo de séculos, as comunidades negras mantiveram vivas suas práticas culturais mesmo diante de processos de repressão e exclusão. Parte dessa história aparece na própria organização dos espaços religiosos da cidade. Segundo Jefferson, houve um período em que as manifestações afro-brasileiras foram proibidas dentro das igrejas:

“Dom Cabral proibiu a manifestação afro em Minas. Então ninguém podia entrar dentro da igreja. Os congadeiros viveram isso. Você não podia entrar para ver a missa, não tinha direito.”

Jefferson Lázaro da Silva Gregório,
Capitão Regente da Guarda de Moçambique de Santa Efigênia, Itaúna.



JEFFERSON LÁZARO, CAPITÃO REGENTE DA GUARDA DE MOÇAMBIQUE DE SANTA EFIGÊNIA, ITAÚNA. OUTUBRO DE 2025.

Diante dessa exclusão, a própria comunidade negra construiu seus espaços de fé. Foi nesse contexto que surgiu a pequena igreja vinculada às guardas do Rosário, erguida em local recebido por doação, como resposta ao preconceito vivido por gerações anteriores. “Ela foi construída por causa da repressão, por causa do preconceito que os nossos viveram naquela época. Mas construíram um lugar para a nossa fé, para a nossa tradição. Então, para nós, é a nossa igreja”, Conta Jefferson.

Essas transformações também explicam a existência de duas igrejas ligadas à devoção do Rosário em Itaúna e a divisão em duas irmandades, que permanece até hoje. Como relata Jefferson, quando a Igreja voltou a permitir a participação da população negra nos templos, parte da comunidade já havia consolidado seu próprio espaço religioso. **“Quando liberaram a entrada da negrada na igreja, o meu avô não aceitou. Ele falou: antes não podia, agora que a burguesia desceu para a praça quer que a gente volte?”** A partir desse episódio, a irmandade existente, cujo Capitão-Mor era João Luiz Bento, conhecido como João Criolinho, se dividiu em duas, que continuam celebrando a festa no mesmo dia. **“Hoje você vê uma festa só, com movimento nas duas igrejas, no mesmo dia, no mesmo momento. É a mesma comunhão, só que ainda separada.”**

Entre as muitas dimensões do reinado, a fé ocupa um lugar central. Ela aparece nas promessas feitas à santa, nas coroações e nas responsabilidades assumidas pelos integrantes da guarda. A rainha coroada **Micaela Raquel da Silva** compartilhou a experiência que a levou a assumir a coroa ainda muito jovem. Segundo ela, a coroação nasceu de uma promessa feita em um momento difícil da família. Seu irmão precisava passar por uma cirurgia considerada arriscada, justamente durante o período do reinado. Diante da imagem da santa, ela fez um pedido: **“Cheguei perto dela e falei assim: só me dá cura pra ele que eu faço. Eu pago a minha promessa, faço aquilo que a senhora precisar.”**

A cirurgia foi bem-sucedida, e a promessa se tornou um compromisso de muitos anos com o reinado. **“Eu peguei sete anos de promessa. Depois peguei mais sete anos pro meu sobrinho também. Então hoje eu carrego essa coroa há 15 anos da minha vida”.** Para Micaele, a relação com a santa é profundamente afetiva, construída desde a infância e reforçada pela experiência coletiva da guarda. A responsabilidade de carregar a coroa também traz um papel específico dentro do cortejo. Segundo ela, as rainhas seguem próximas da imagem da santa, rezando enquanto a guarda avança. **“Como a gente leva a coroa, a gente fica mais próximo da santa. A gente vai atrás dela rezando. A gente acredita que assim a oração chega mais fácil até ela.”**

A continuidade do reinado também se sustenta na participação das novas gerações. Para Micaela, as crianças e os jovens da comunidade aprendem desde cedo o significado da tradição, por isso, ela demonstra confiança no futuro da guarda: **“A gente sempre faz roda de conversa com eles, pra explicar a importância do reinado pra nossa vida. [...] Aqui dentro eu sei que a nossa tradição não vai morrer. Ela tá fincada aqui.”**

Além da dimensão espiritual, o reinado também se organiza como um grande momento de encontro comunitário. **Márcia Ferreira**, secretária da guarda, explica que a festa envolve um intenso trabalho coletivo para receber bem as guardas visitantes e toda a comunidade.

“Nós ficamos com café da manhã e almoço para todos. Então vêm as irmandades com os dançantes, com os devidos acompanhantes e a comunidade [...] Se vocês chegarem aqui, vocês são super bem recebidos. Pode chegar, tem café, tem almoço, tem tudo. Você pode ficar à vontade.”

**Márcia Ferreira,
Guarda de Moçambique
de Santa Efigênia, Itaúna.**



MÁRCIA FERREIRA, SECRETÁRIA DA GUARDA DE MOÇAMBIQUE DE SANTA EFIGÊNIA, ITAÚNA. OUTUBRO DE 2025.



A preparação da festa mobiliza todos os integrantes da guarda, dos mais novos aos mais velhos, em um esforço coletivo que fortalece ainda mais os vínculos entre eles. É esse trabalho em conjunto que transforma a festa em um momento emocionante para quem participa. **“Todo mundo se empenhou, todo mundo sem dormir para fazer as comidas, lavar panela, receber todo mundo bem recebido.”** Marcia explica que, ao longo do dia, os cortejos percorrem ruas e casas da comunidade, sempre acompanhados por cantos e danças que marcam cada momento da celebração: **“A gente dança muito, canta muito, porque é uma fé que dança e canta.”**

Entrar em uma casa também exige respeito e ritual. Antes de atravessar a porta, os integrantes da guarda pedem licença cantando: **“A gente canta para pedir licença para entrar na sua casa. A gente não entra sem pedir licença.”** O canto também acompanha os momentos de partilha da comida e de agradecimento: **“A gente canta para começar a tomar o café. Depois canta para agradecer e para abençoar a casa. Que multiplique o pão que você nos deu.”**

Para Márcia, essa dimensão espiritual se manifesta até mesmo na comida servida durante a festa: **“É a comida de São Benedito. Você tira uma colher e brota dez, brota doze. Onde come dez, come mil.”** Depois de meses de preparação, a festa se torna também um espaço de convivência e acolhimento, onde todos encontram lugar. **“Aqui todo mundo tem um cantinho. Acabou de dançar, o quartel fica cheio de colchão, menino para lá, menino para cá.”**

Depois dos momentos de partilha e aprendizado na sede da Guarda de Moçambique de Santa Efigênia, seguimos o percurso em direção à Matriz e ao Complexo do Rosário, também conhecido como Conjunto Urbano e Arquitetônico do Morro do Rosário. A visita foi conduzida na companhia do **Rei Congo de Itaúna, Seu Dilermando Vitor de Oliveira**, cuja presença acrescentou densidade e sensibilidade à experiência. Com generosidade, ele nos guiou por entre histórias, memórias e ensinamentos que revelam não apenas a continuidade do Reinado na cidade, mas também os modos como essa tradição se inscreve nos espaços, nas práticas e nas relações comunitárias.

Iniciamos a visita pela Igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde Seu Dilermando compartilhou reflexões que foram complementadas por Felipe Abner, estudioso do tema e nosso guia ao longo do dia, ampliando a compreensão histórica e simbólica do local. Em seguida, nos dirigimos à Capela de Nossa Senhora do Rosário, onde o Capitão Regente Jefferson, junto aos reinadeiros, deu continuidade à experiência por meio de cantos e narrativas que atualizam a tradição no presente. Entre palavras e vozes, o espaço se revelou não apenas como patrimônio arquitetônico, mas como território vivo de memória, devoção e pertencimento.



DILERMANDO VITOR DE OLIVEIRA (SEU DILERMANDO), REI CONGO DE ITAÚNA, IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO. OUTUBRO DE 2025.



REPRESENTANTES DOS GRUPOS PARTICIPANTES E MEMBROS DA EQUIPE DO PROJETO, CAPELA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO. OUTUBRO DE 2025.

Na sequência desse percurso, seguimos para a sede da Guarda de Candombe Nossa Senhora do Rosário de Itaúna, um grupo especial dentro do universo das congadas locais, conhecido por ser formado somente por mulheres.

A guarda é reconhecida por sua participação nas celebrações dedicadas a Nossa Senhora do Rosário e pela maneira como preserva práticas culturais transmitidas ao longo de gerações. O Candombe feminino de Itaúna representa um espaço de devoção, convivência e afirmação da presença das mulheres nas tradições do reinado.

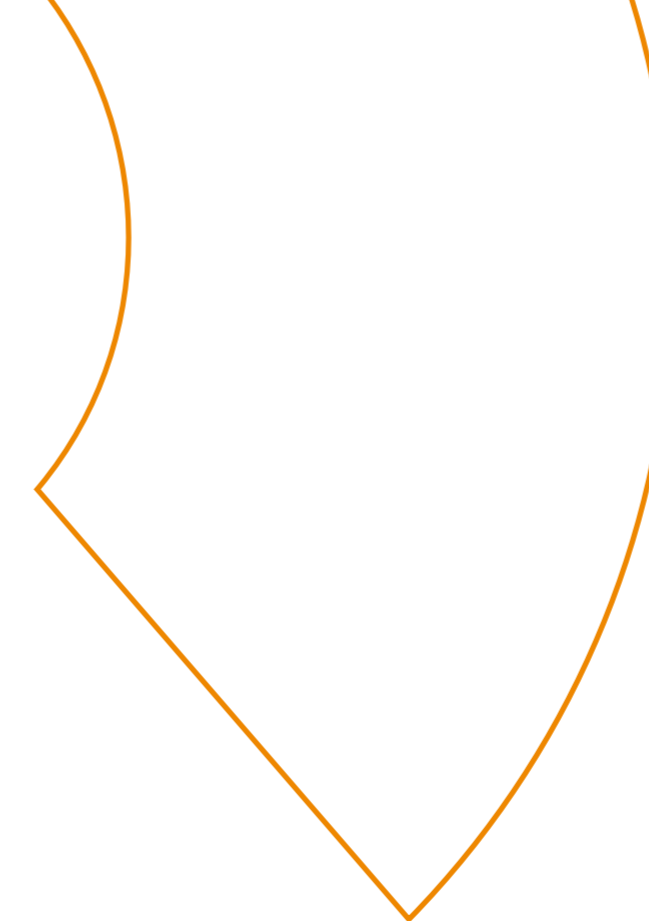
Fomos recebidos por **Márcia de Fátima**, atual presidente da **Guarda de Candombe de Nossa Senhora do Rosário**, que nos apresentou o espaço e contou a história do grupo. O surgimento do grupo, conforme relatou Márcia, remonta às décadas de 1950 e 1960, período em que as mulheres enfrentavam restrições para participar das guardas tradicionais. Diante dessa proibição, algumas mulheres da comunidade decidiram criar um espaço próprio para que pudessem participar da tradição.

“Esse candombe foi fundado na década de 50, 60. Na época, os mais antigos falavam que não podia dançar mulher. [...] Uma tia minha, junto com meu padrinho Roberto e o Zé Dozeb, fundaram esse candombe feminino. Porque os maridos não deixavam as mulheres dançar nos outros grupos que tinham homens.”

Márcia de Fátima, Guarda de Candombe de Nossa Senhora do Rosário, Itaúna.



**MÁRCIA DE FÁTIMA,
PRESIDENTA
DA GUARDA DE
CANDOMBE DE
NOSSA SENHORA
DO ROSÁRIO,
ITAÚNA. OUTUBRO
DE 2025.**



A presença exclusivamente feminina se tornou a marca da identidade do grupo e durante as festas do reinado em Itaúna, essa característica é percebida por todos. A participação dos homens acontece apenas em ocasiões específicas, como por exemplo, em viagens ou apresentações fora da cidade. Como afirma Laíssa Angélica, da Guarda de Candombe: **“No reinado mesmo é só mulher. A não ser quando a gente viaja para fora, que os homens ajudam. Mas aqui no reinado é só as mulheres.”**



**LAÍSSA ANGÉLICA,
GUARDA DE
CANDOMBE DE
NOSSA SENHORA DO
ROSÁRIO, ITAÚNA.
OUTUBRO DE 2025.**

A continuidade do grupo também se sustenta por meio da transmissão entre gerações. Márcia nos descreve uma linha de sucessão construída dentro da própria família e da comunidade, que garantiu a permanência da guarda ao longo do tempo.

“Foi passada de geração em geração. A tia morreu, passou para Tia Maria. A Tia Marilsa também foi fundadora. Depois passou para minha irmã, Joana D’arc. E hoje ela passou para mim, que sou a presidente do candombe.”

Márcia de Fátima, Guarda de Candombe de Nossa Senhora do Rosário, Itaúna.

Essa transmissão não envolve apenas a liderança do grupo, mas também os valores que sustentam a tradição. Para Márcia, preservar o Candombe feminino significa manter viva a herança deixada pelos antepassados. “Eu converso muito com as meninas para a gente preservar essa tradição, para não deixar acabar o que a vovó deixou pra nós.”

Para Márcia, falar sobre o Candombe é também falar de orgulho e pertencimento. A guarda representa muito mais do que uma manifestação cultural, mas é também uma forma de manter viva a memória coletiva da comunidade. Ao refletir **sobre a relação do grupo com a cidade**, Márcia observa que o interesse da população costuma se concentrar principalmente no período das festas do reinado, realizadas em agosto. No entanto, fora do período festivo, destaca que muitas pessoas estranham quando os integrantes se reúnem para tocar ou ensaiar.

“Infelizmente, o reinado para muita gente é só em agosto. Passou o mês de agosto, parece que não tem sentido bater caixa. [...] Se a gente bate fora da época, falam: ‘pra que tá batendo fora da época? Não tem reinado mais, acabou!’”

Márcia de Fátima, Guarda de Candombe de Nossa Senhora do Rosário, Itaúna.

Durante o período festivo, o quartel do Candombe se transforma em um espaço de acolhimento para guardas visitantes. Em média, cerca de seis grupos costumam passar pelo local ao longo das celebrações. Essas visitas fazem parte de uma rede de trocas entre as guardas de congada, mais conhecida como *intercâmbio*, que fortalecem os laços entre diferentes comunidades. Como explica Laíssa Angélica: **“Agora é muito intercâmbio. A gente viaja para isso também, para trazer mais gente para participar da nossa festa.”**

Nossa próxima parada foi na **Gruta de Nossa Senhora de Itaúna**. O local de devoção é um pouco mais recente, quando comparado com outras tradições religiosas da região, mas ainda assim, é parte importante da religiosidade popular local.

A história da gruta tem início no ano de 1955, quando três crianças teriam presenciado uma aparição em uma área que, na época, era composta basicamente por pastagens e poucas residências. Segundo relatos, o episódio teria ocorrido quando as crianças percorriam o pasto em busca de um cavalo. O local onde estaria o formigueiro corresponde, hoje, ao ponto central da gruta. De acordo com a tradição oral, a aparição teria transmitido uma mensagem aos moradores. A notícia da aparição mobilizou os moradores da região. Após as crianças relatarem o ocorrido às famílias, os moradores decidiram construir um pequeno altar no local.

Com o passar do tempo, outros relatos de visões da mesma imagem foram registrados por moradores da região. Entre essas pessoas está um dos próprios meninos que presenciaram o episódio inicial e que ainda hoje vive próximo ao local, **Sr. Eduardo Vasconcelos**. Já idoso, ele continua frequentando a gruta e narrando a experiência que marcou sua infância. Segundo nos explicou, o encontro aconteceu quando os três meninos procuravam um animal que havia se perdido: **“Nós estávamos procurando o animal do meu pai. Quando fomos subindo aqui, Nossa Senhora apareceu para nós.”**

Eduardo descreve que, no local onde hoje está a gruta, existia um cupinzeiro, e o elemento acabou se tornando parte simbólica da memória do acontecimento: **“Lá onde ela apareceu tinha um cupim. Hoje colocaram um ali em lembrança.”** A imagem teria surgido entre as árvores, envolta por uma espécie de nuvem, e as crianças tentaram se aproximar, mas a aparição desaparecia antes que conseguissem chegar perto.

“Ela descia assim no meio das árvores, numa nuvem, parecia uma nuvem de fumaça. E pousava em cima do cupim. [...] Nós íamos subindo, mas ela não deixava chegar perto. Quando chegava mais ou menos a uns trezentos metros, a nuvem fechava nela e ela sumia no meio das árvores.”

Eduardo Vasconcelos, Morador da região da Gruta de Nossa Senhora de Itaúna.



EDUARDO VASCONCELOS. ENTRADA DA GRUTA DE NOSSA SENHORA DE ITAÚNA. OUTUBRO DE 2025.

Segundo Eduardo, durante as aparições a imagem não chegou a conversar diretamente com as crianças. O que teria sido mostrado a eles, porém, foi um símbolo triangular com uma mensagem.

“Ela não falou nada conosco, não. Ela só mostrou aquele triângulo com a mensagem: ‘Jesus Cristo, eterno Deus, o paganismo ameaça o mundo. Erguei o altar. Orai com fé e vós vereis o milagre da conversão. Ela pediu: ‘erguei o altar’. Então nós construímos a grutinha lá.”

Eduardo Vasconcelos, Morador da região da Gruta de Nossa Senhora de Itaúna.

A partir dessa mensagem, os moradores iniciaram a construção do primeiro espaço de oração no local. Dois anos depois, em 1957, a gruta foi oficialmente inaugurada, já com uma imagem dedicada a Nossa Senhora de Lourdes. A escolha da devoção acabou influenciando diretamente o nome do bairro onde o local se encontra e a imagem original permanece preservada no espaço até hoje. Eduardo afirma que, mesmo muitos anos depois do primeiro episódio, ele ainda acredita ter visto novamente a imagem em diferentes momentos da vida.

“Nesse meio período eu vi ela em quatro etapas: quando era criança, quando tinha 18 anos, e depois quando tinha 70. [...] Eu estava sentado num banquinho rezando. Tinha uma senhora sentada lá na frente. Eu sentei três bancos atrás. De repente ouvi um barulho no bambu. Quando virei a cabeça, ela tinha desaparecido. Foi a vez que eu vi ela mais de perto.”

Eduardo Vasconcelos, Morador da região da Gruta de Nossa Senhora de Itaúna.



GRUTA DE NOSSA SENHORA DE ITAÚNA. OUTUBRO DE 2025.

Além da devoção, a gruta também se tornou um importante ponto de encontro religioso na cidade, especialmente com o surgimento do Terço dos Homens, movimento católico do Brasil inteiro. Com o passar dos anos, o grupo se espalhou para outras regiões da cidade e do país. O Sr Eduardo recorda o início desse movimento no local: **“No começo eram 16 homens rezando aqui. Depois chegou a quase dois mil homens. [...] Esse terço dos homens foi se espalhando pelo Brasil inteiro. Ele começou aqui.”**



CAPELA DO MORRO DO NOSSO SENHOR DO BONFIM, ITAÚNA. OUTUBRO DE 2025.

Para finalizar o percurso, visitamos a **Capela do Morro do Nosso Senhor do Bonfim**. Construída em 1853, no alto do antigo Morro da Santa Cruz, a capela se firmou como um importante ponto de devoção em Itaúna, associada às celebrações da Santa Cruz e à religiosidade popular da cidade. Sua localização elevada não apenas marca a paisagem, mas também reforça seu sentido simbólico como lugar de contemplação e encontro espiritual, onde o próprio gesto de subir o morro se integra à experiência da fé.



Em Itaúna, tivemos a oportunidade de conhecer de perto diferentes formas de devoção, que se entrelaçam e nos revelam a riqueza das tradições religiosas que moldam a vida cultural da cidade. A fé expressa pela **Guarda de Moçambique de Santa Efigênia** e pela **Guarda de Candombe Nossa Senhora do Rosário** se manifesta nas ruas através dos cortejos, cantos e danças do reinado, preservando heranças afro-brasileiras transmitidas entre gerações. Já na **Gruta de Nossa Senhora de Itaúna**, a religiosidade pode ser percebida de forma mais silenciosa, no recolhimento das orações e nas narrativas de fé que atravessam décadas.

Embora distintos em suas formas, afinal, uns são marcados pelo ritmo dos tambores e pela coletividade festiva, outros pelo silêncio da contemplação, esses espaços e tradições compartilham a mesma raiz: a força da fé popular e da memória comunitária. Juntos, eles nos revelam como a religiosidade em Itaúna se constrói tanto no movimento das guardas que ocupam as ruas quanto nos lugares de devoção onde os moradores encontram esperança, proteção e continuidade de suas tradições.





Sabará

A chegada a Sabará foi marcada pela chuva forte que caía sobre a cidade, envolvendo ruas, telhados e igrejas em um cenário denso, quase silencioso. Mesmo assim, representantes dos grupos: **Guarda Moçambique São José Operário e São Benedito no Reino de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia, Asprodejas, Elas por elas e Cantarolê** se encontraram na Casa Borba Gato, dando início à última etapa do percurso, que carregava consigo o peso simbólico do encerramento da viagem e dos seis meses do projeto.

O primeiro espaço visitado foi a sede da Guarda de Moçambique São José Operário e São Benedito. Logo ao entrar, os participantes foram acolhidos por um ambiente profundamente simbólico: sob um teto decorado com enfeites brancos, semelhantes aos vistos em outros espaços de devoção popular ao longo da viagem, e diante de um altar repleto de santos, iluminado por velas acesas, nos reunimos.

A condução ficou a cargo do Capitão Regente Sérgio Freitas, que compartilhou sua trajetória pessoal e coletiva. Sérgio falou sobre sua iniciação no candomblé, a história da guarda, o envolvimento de sua família na tradição e os desafios enfrentados no cotidiano para manter viva a prática do Moçambique. Seu relato entrelaça fé, resistência, memória e responsabilidade, revelando como a guarda ultrapassa o campo religioso e se afirma como espaço de identidade, pertencimento e continuidade cultural.



SÉRGIO FREITAS,
CAPITÃO REGENTE
DA GUARDA DE
MOÇAMBIQUE SÃO
JOSÉ OPERÁRIO
E SÃO BENEDITO,
SABARÁ. 08 DE
NOVEMBRO DE 2025.

No final da conversa, fomos convidados a fazer uma oração. Em roda, de mãos dadas, o capitão Sérgio conduziu o momento. Com sua voz firme e serena, ele pediu proteção, agradeceu pela presença de todos e invocou bênçãos para o caminho de cada um ali. Nesse clima de recolhimento e cuidado nos preparamos para ouvir o som dos tambores que estavam por vir.

Os filhos de Sérgio, Maria Eduarda, Rafael e Sérgio, tomaram seus lugares e passaram a tocar os instrumentos e entoar os cânticos da guarda. O ritmo ecoou pelo espaço, misturando-se ao som distante da chuva e criando um momento de intensa conexão entre todos os presentes.

Após a visita à guarda, o grupo seguiu em direção ao **Rio das Velhas**, dando continuidade ao percurso em Sabará. O som contínuo das águas correndo pelo leito do rio se misturava à voz de Douglas, historiador que conduziu a visita. A chuva, mesmo leve, continuava a cair, mas não afastou ninguém: os participantes permaneceram juntos, atentos, trocando impressões enquanto caminhavam.



VISITA ÀS
MARGENS
DO RIO DAS
VELHAS, SABARÁ.
NOVEMBRO DE
2025.



Ao explicar por que havia conduzido os grupos até o Rio das Velhas, Douglas destacou que ele representava um espaço de encontro entre diferentes dimensões do patrimônio. **“Aqui a gente tem o entroncamento de todos esses tipos de patrimônio. Tem o patrimônio natural, que é o rio, que são as árvores, que é o nosso relevo, a nossa mata. Tem o patrimônio material, que é todo esse tipo de construção que a gente tem aqui ao redor, essa parte modificada pelo ser humano. Mas tem também o patrimônio imaterial, porque este rio tem um significado.”** Para Douglas, o Rio das Velhas é sagrado e isso antecede a chegada dos colonizadores europeus: “para as populações originárias, para os grupos indígenas que estavam aqui antes da chegada dos portugueses, esse já era um rio sagrado.”

Ao olhar para o território da Região Metropolitana, explicou que a ocupação urbana se estruturou a partir do curso do rio: “Desde o nascimento, lá em Ouro Preto, descendo por Itabirito, Rio Acima, passando aqui por Sabará, Nova Lima, Raposos, descendo lá em Santa Luzia, todos os núcleos urbanos foram construídos a partir deste rio.”

Ao mesmo tempo, a visita também deixou claro os desafios enfrentados pelo rio nos dias de hoje. A presença de lixo, sujeira e sinais visíveis de poluição chamou a atenção dos participantes, gerando comentários e reflexões sobre o abandono, o uso irresponsável e a distância que, aos poucos, se criou entre a cidade e suas águas. O contraste entre a importância histórica do Rio das Velhas e sua condição atual tornou o momento ainda mais marcante.

Entre as falas que marcaram a visita, a de Sérgio e Maria Eduarda, da Guarda de Moçambique São José Operário e São Benedito, ganharam especial destaque. Ao relembrar a primeira vez em que viu o Rio das Velhas, Sérgio nos apresentou não apenas uma memória pessoal, mas também uma ligação espiritual profunda com o rio. O capitão falou do encontro com aquelas águas como um momento de reconhecimento, de força e de conexão com o sagrado. Sua fala trouxe o rio para um plano sensível, que vai além da história registrada nos livros, alcançando dimensões simbólicas e espirituais:

“as minhas férias, minha e do meu irmão, a gente passava aqui em Sabará, no Campo Santo Antônio. Então, na estrada, vindo no ônibus, a gente vinha namorando o rio. Então, para a gente, era uma viagem. Aquela coisa de sítio do pica-pau amarelo, você estava viajando no caminho, a gente vinha imaginando. Então, eu olhava para o Rio das Velhas, eu enxergava embarcações, hoje que eu sei que são veleiros, veleiros, com homens que eu vi eram homens negros, na minha mente, daquela época, há mais ou menos 40 e tantos anos atrás. Eu vi uma senhora velha no meio do rio, tinha uma pedra na descida do Rio das Velhas, uma pedra grande. Sempre que eu vinha para cá, eu via essa senhora sentada lá, nessa pedra. Então, assim, eu tenho muito respeito pelo Rio das Velhas. Medo, mas respeito. Porque antigamente, porque eu associei ao medo. Porque naquela época eu não sabia distinguir o que era, não sabia traduzir o que era, né? Então, assim, o que eu via? Eu via os meus antepassados, né? Eram os navios negreiros, as embarcações passando por ali. E a velha que eu via é a minha mãe de cabeça, Nanã. Nanã Boruque, entendeu? A velha que eu... Hoje eu tenho noção disso, mas naquela época não. Então eu ficava com aquele medo. Mas assim, era aquela alegria, felicidade de... Estava descendo a BR e chegando em roças grandes, passando roças grandes, sabe? O coração acelerava e a gente ficava... Nunca que chegava, nunca que chegava, uns 40 minutos talvez, não sei, ou menos. Mas para a gente era uma viagem imensa. [...] o Rio das Velhas para mim me leva à minha infância, me remete à minha infância e um momento muito feliz da minha vida.”

**Sérgio Freitas, Capitão da Guarda Moçambique
São José Operário e São Benedito**

A fala de **Maria Eduarda** trouxe outra camada de sensibilidade à visita, conectando o rio ao corpo, ao movimento e à percepção da natureza. Ela contou que, desde nova, costumava observar o Rio das Velhas e se encantar com suas transformações: **“Eu lembro quando eu era mais nova, que eu sempre vinha aqui e via o rio, eu achava tão da hora, tipo assim, as nuances que o movimento do rio tem.”** Bailarina, Maria Eduarda explicou como essa observação se relaciona diretamente com sua prática artística: “Porque eu sou bailarina, né? Então eu sempre penso nisso, em possibilidades de algo que possa mover pra dança e tal.”

O Rio das Velhas se apresentou aos grupos como memória viva, guardião de histórias, crenças e afetos. Mesmo marcado pela poluição e pelo descuido, ele segue carregando sentidos profundos para quem vive, crê e constrói sua história a partir dele. Às suas margens, sob a chuva fina e em silêncio atento, os participantes puderam sentir que o rio não conecta apenas o passado e o presente da cidade, mas também diferentes formas de existir, lembrar e se reconhecer no território.

A natureza, que já havia atravessado a experiência às margens do Rio das Velhas, seguiu como fio condutor para o encerramento do primeiro dia em Sabará.



VISITA À IGREJA
NOSSA SENHORA
DO ROSÁRIO
E CENTRO
HISTÓRICO,
SABARÁ.
NOVEMBRO DE
2025.

Ao fim da tarde, os grupos foram recebidos no quintal da Casa Borba Gato, espaço onde o tempo parecia correr em outro ritmo. Ali, uma jabuticabeira se destacava no centro do quintal, convidando à pausa, à observação e ao encontro.

Fomos convidados a explorar o quintal, caminhar entre as árvores, tocar a terra, olhar em volta. Uma pequena placa, fixada próximo à jabuticabeira, dava o tom da experiência e da relação entre o espaço e a cidade: “A jabuticabeira é um símbolo cultural de Sabará, habitando tanto os quintais quanto as memórias da gente do lugar.” A frase parecia traduzir o que se vivia ali naquele momento. Enquanto colhíamos jabuticabas direto do pé, comendo, conversando e compartilhando impressões do dia, a chuva estiava, o sol ia baixando e o primeiro dia de formação chegava ao fim de forma simples e afetiva.

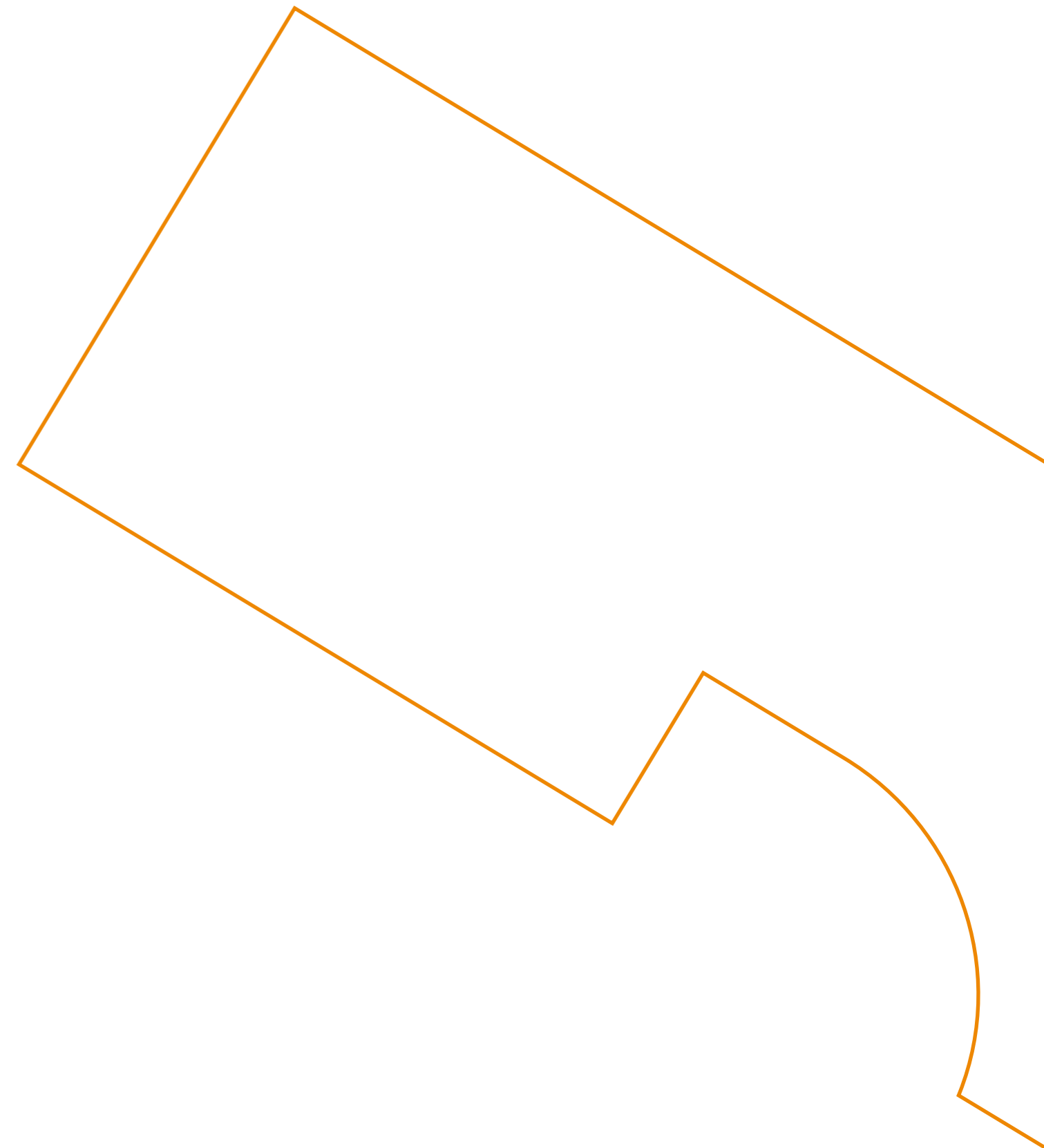
No dia seguinte, a conexão com a natureza e com as jabuticabeiras voltou a atravessar a programação. A visita aos quintais de jabuticaba da Família Torres aprofundou essa relação, mostrando como o fruto faz parte do cotidiano, da economia e da identidade local. Os grupos acompanharam de perto o vínculo da família com a jabuticaba, desde a colheita no pé até a transformação em geleias, licores e outros produtos, aprendendo sobre os saberes transmitidos entre gerações.

Em Sabará, a jabuticabeira não se destaca apenas como árvore ou fruto, mas como um patrimônio vivo, que está enraizado na terra e nas histórias de quem a cultiva, a cuida e a transforma em sustento, afeto e tradição. Essa vivência, simples e cotidiana, sintetizou muito do que foi experimentado ao longo do percurso: a cultura que nasce do chão, do gesto repetido, do saber passado de mão em mão.



QUINTAL DA CASA BORBA GATO, SABARÁ. NOVEMBRO DE 2025

Sob a chuva fina, ao som dos tambores e entre histórias, rios e quintais, o percurso se fechou reafirmando aquilo que atravessou todas as cidades visitadas e dá sentido a esse ebook: o patrimônio cultural vive nas pessoas, nos vínculos que constroem com seus territórios, nas memórias compartilhadas e nas emoções que permanecem muito depois que a viagem termina.





Galeria de fotos

Deixamos aqui algumas fotos, junto com a vontade de encontrar novamente todas essas pessoas, agentes culturais do territórios.

Bela Vista de Minas

MARIA APARECIDA DOS SANTOS NASCIMENTO, DA AMAD





CAMILA, REPRESENTANTE DA FUNDAÇÃO ARCELORMITTAL



OFICINA ATELÊ PATRIMÔNIO E INTERVENÇÃO CULTURAL



OFICINA ATELÊ PATRIMÔNIO E INTERVENÇÃO CULTURAL



OFICINA ATELÊ PATRIMÔNIO E INTERVENÇÃO CULTURAL



OFICINA ATELÊ PATRIMÔNIO E INTERVENÇÃO CULTURAL



OFICINA ATELÊ PATRIMÔNIO E INTERVENÇÃO CULTURAL



GRUPOS CULTURAIS DE BELA VISTA DE MINAS



ANA MORAIS, COMUNIDADE DE ABADIA, CARBONITA.
AGOSTO DE 2025.

Carbonita



Grupos Culturais de Carbonita



GRUPO SABERES E TRADIÇÕES



LUCIANA ARTESÃ DA COMUNIDADE DE ABADIA CARBONITA NOS RECEBEU NA CASA DELA E PARTICIPOU DAS CANTIGAS NA ESCOLA DA COMUNIDADE



CASINHA DE CULTURA FLOR DE MUTAMBA COMUNIDADE DE LAGOA EM CARBONITA ONDE O GRUPO SABERES E TRADIÇÕES DA BEIRA DO JEQUITINHONHA NOS RECEBEU COM UM LANCHE COM QUITANDAS PREPARADAS PELAS MULHERES DO GRUPO



GRUPO SABERES E TRADIÇÕES



BANQUETE



HELENA, EX-SECRETÁRIA DE CULTURA, GUIA TURÍSTICA



SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DA ABADIA



ESCOLA MUNICIPAL DE ABADIA

Contagem

APRESENTAÇÃO DE MUSICAL COM LIBRAS



APRESENTAÇÃO DE MUSICAL COM LIBRAS



ILÊ ASÉ IGBA OGUM



MÃE CIDA NA ESTAÇÃO BERNARDO MONTEIRO



OFICINA ATELÊ PATRIMÔNIO E INTERVENÇÃO CULTURAL



OFICINA ATELÊ PATRIMÔNIO E INTERVENÇÃO CULTURAL



OFICINA ATELÊ PATRIMÔNIO E INTERVENÇÃO CULTURAL



GRUPOS CULTURAIS DE CONTAGEM



GRUPOS CULTURAIS DE CONTAGEM



REPRESENTANTES DA AIC, LUÍS FLORES E ISABEL VIEIRA, E JEFFERSON LÁZARO DO MOÇAMBIQUE DE SANTA EFIGÊNIA

Itaúna

MEMÓRIAS EM CULTIVO



MOÇAMBIQUE DE SANTA EFIGÊNIA



GRUPOS CULTURAIS DE ITAÚNA



GUARDA DE CANDOMBE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO ITAÚNA



IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO ITAÚNA



GRUTA DA NOSSA SENHORA DE ITAÚNA



MULHERES DA GUARDA DE CANDOMBE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

João Monlevade

MÔNICA XAVIER, REPRESENTANTE DA ARCELOR MITTAL



GRUPOS CULTURAIS DE JOÃO MONLEVADE



GRUPOS CULTURAIS DE JOÃO MONLEVADE



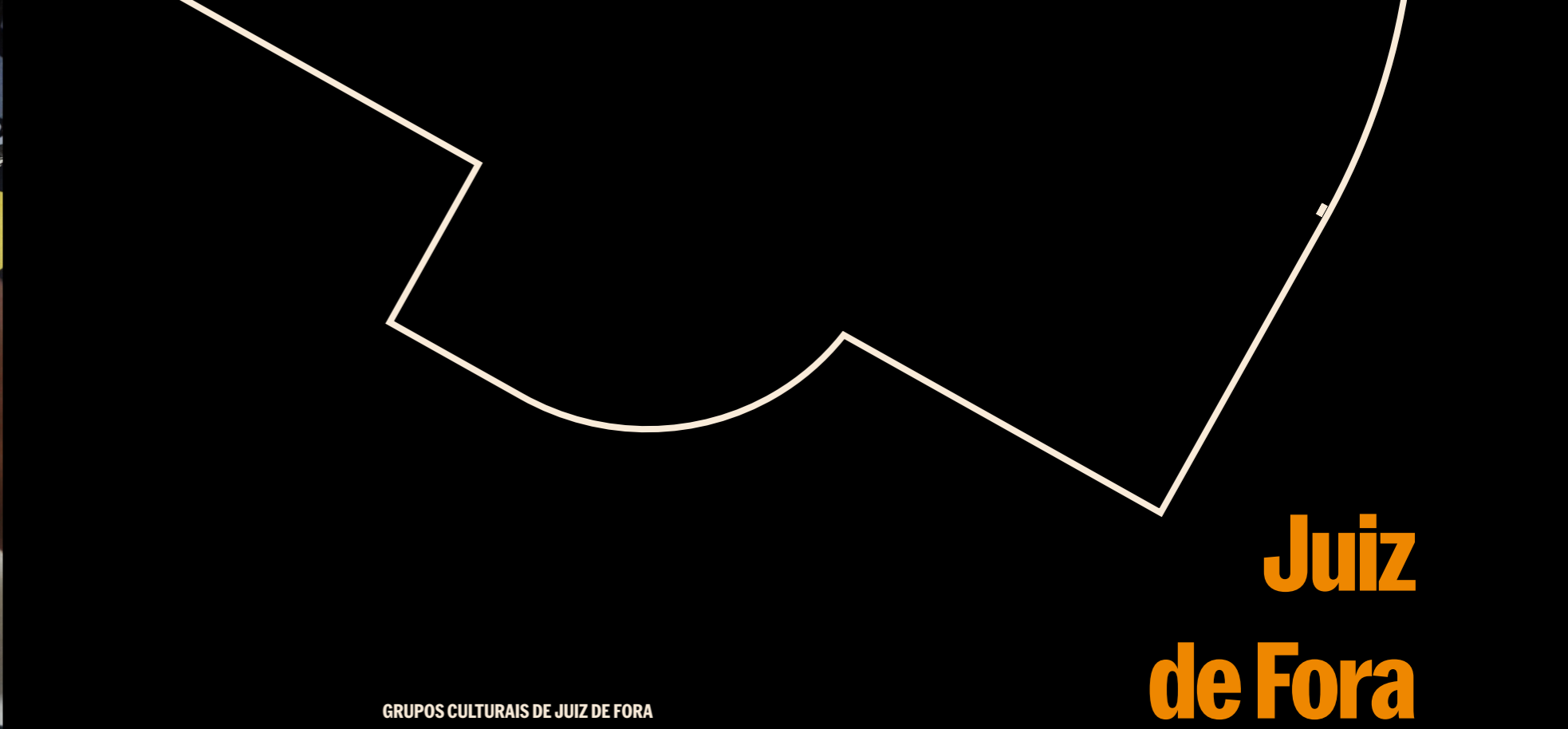
FEIRA DA SOLIDARIARTE



ACERVO DA FAMÍLIA ALCÂNTARA



OFICINA ATELIÊ PATRIMÔNIO E INTERVENÇÃO CULTURAL



Juiz de Fora

GRUPOS CULTURAIS DE JUIZ DE FORA





GRUPOS CULTURAIS DE JUIZ DE FORA



GRUPOS CULTURAIS DE JUIZ DE FORA



EXPOSIÇÃO DO CENTRO DE PRESERVAÇÃO DA CULTURA NEGRA



EXPOSIÇÃO DO CENTRO DE PRESERVAÇÃO DA CULTURA NEGRA



GRUPOS CULTURAIS DE SABARÁ

Sabará



OFICINA ATELIÊ PATRIMÔNIO E INTERVENÇÃO CULTURAL, COM LUÍS FLORES



PROVA DE MOLHO DAS ASPRODEJAS



VISITA À SEDE DAS ASPRODEJAS



VISITA À SEDE DAS ASPRODEJAS



VISITA AO RIO DAS VELHAS



GUARDA DE MOÇAMBIQUE SÃO JOSÉ OPERÁRIO E SÃO BENEDITO, SABARÁ. 08 DE NOVEMBRO DE 2025.



Contatos dos grupos

Conheça um pouco mais sobre os grupos que fazem parte do projeto...

Bela Vista de Minas

AMAD - [@amad_afrodescendente](#)

Associação Cultural Congado BVM - [@congadobvm](#)

Associação Cultural Social Esportiva Renovação Erê Capoeira - [@renovacaoere](#)

Associação Cultural e Social Casa Nova - [@associacaocasanova](#)

Carbonita

Conselho de Desenvolvimento Comunitário de Mercadinho +55389883-8997(Ernando,presidente)

Grupo Saberes e Tradições da Beira do Rio Jequitinhonha - [@saberes_e_tradicoes](#)

Arte Luz Carbonitense - [@arte.luz.carbonitense](#)

Art Music ND - [@artmusic_nd](#)

Contagem

Ilê Asé Igba Ogum - [@egbeogum](#)

Projeto Geração GK - [@projeto_geracao_gk](#)

Libras na Comunidade - [@librasnacomunidade](#)

Escadão Filmes - [@escadaofilmes](#)

Itaúna

Moçambique Santa Efigênia - [@santa_efigenia_itauna](#)

Guarda de Candombe de Nossa Senhora do Rosário - [@candombedeitauna2023](#)

Black Stone 037 - [@blackstone037](#)

Black Rua - [@blackruaofficial](#)

João Monlevade

Associação Cultural do Congadô de Laranjeiras - [@guarda_nra_santana](#)

Associação dos Artesãos e Produtores de Alimentos Caseiros de João Monlevade e Região - SOLIDARIARTE - [@guarda_nra_santana](#)

BARRACO 32 - [@barraco32prod](#)

Circuito Inclusao - [@circuitoinclusao](#)

Tambores do Morro e Tambores do Morro Mirim - [@percussao_tambores_do_morro](#)

Juiz de Fora

GRUPO CITY OF BREAK - [@Cityoffbreak](#)

Ilê Iyá Ominibú Asé Omitogum - [@ileiyaominibu](#)

Tramas Sensoriais - [@cursoalemdaspalavras](#)

Grupo Nzinga de Contadoras de Histórias - [@nzingacontosafricanos](#)

Sabará

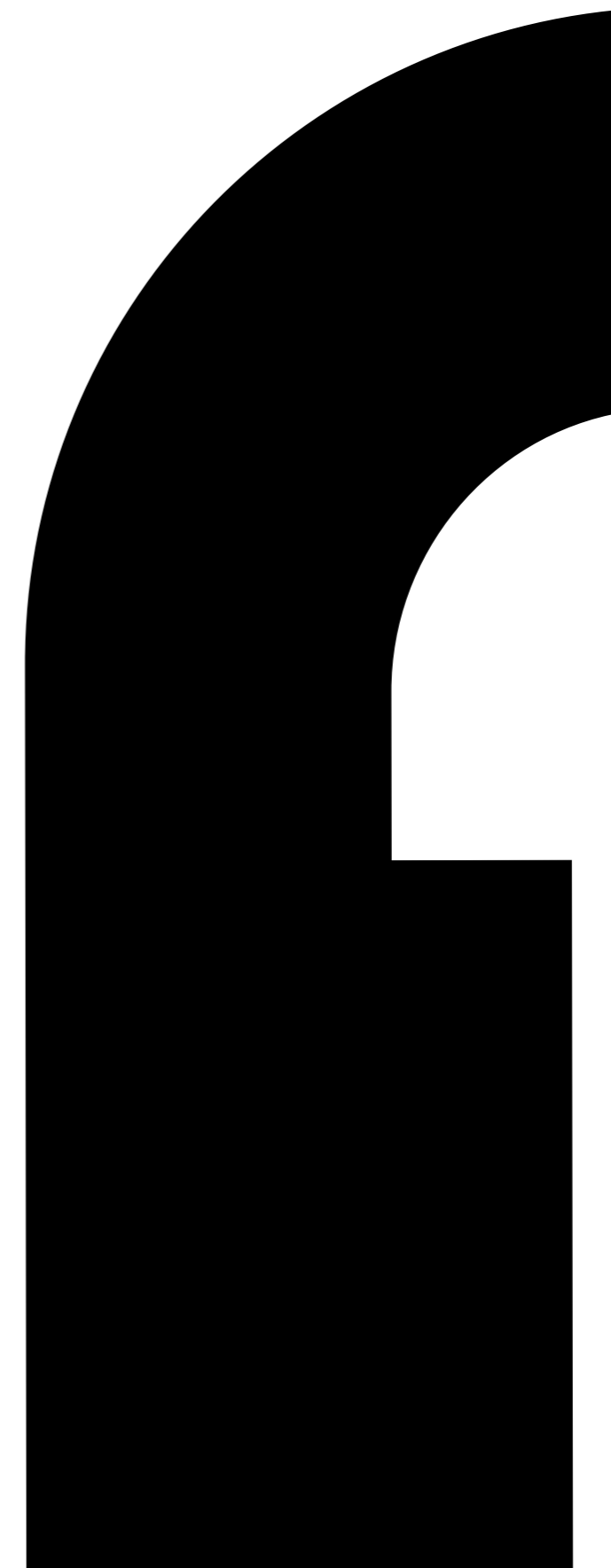
Guarda Moçambique São José Operário e São Benedito no Reino de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia - [@mocambiquesaojosedesabara](#)

Asprodejas - [@asprodejas](#)

Elas por elas - +55 31 8709-9136 (Cristina, presidenta)

Cantarolê - [@cantarole_](#)

Lu Mosqueira e Banda - [@lumosqueira](#)



Referências

Agência de Iniciativas Cidadãs. Guia “Se Esse Patrimônio Fosse Meu, Educação patrimonial e pertencimento” (publicação virtual - e-book). . Edição própria. Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://aic.org.br/saberes-compartilhados/se-esse-patrimonio-fosse-meu-experiencias/> (acesso em 17 de abril de 2026)

Agência de Iniciativas Cidadãs (site). 5 conceitos sobre patrimônio cultural que você precisa saber (página do site). . Disponível em: <https://aic.org.br/cotidiano/5-conceitos-patrimonio-cultural/> . (Acesso em 20 de abril de 2026)

IPHAN (página do site). Patrimônio Histórico. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218> (acesso em 20 de abril de 2026)